

APÊNDICES

APÊNDICE I – Guiões das entrevistas e objetivos

Guião de Entrevista I

Destinatário: Presidente do Conselho Executivo no ano 2007/2008 (IPE)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Perceber a resistência na implementação desta modalidade de formação na escola;
- Indagar das razões da anuência e as consequências no dia-a-dia da organização;
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professor e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos os cursos e a sua opinião sobre o modo com têm sido implementados os CEF na escola;
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

Perguntas:

- P1. Falemos um pouco de si, em termos profissionais: Quantos anos, ou mandatos assumiu no órgão de gestão do agrupamento? Razões da candidatura?
- P2. Esteve noutras experiências de administração ou cargos de gestão intermédia?
- P3. A sua experiência enquanto PCE deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa? Por que não continuou o desafio?
- P4. Quais as razões para a implementação dos CEF na escola só no ano letivo 2007/2008?
- P5. Como foi desencadeado o processo? Com foram selecionados os alunos? E a escolha dos cursos?
- P6. De que forma foi a comunidade educativa envolvida no processo de seleção e avaliação de resultados obtidos?
- P7. Constituídas as turmas que medidas foram tomadas, dado tratar-se de alunos com características peculiares?
- P8. Que orientações eram tidas na atribuição destas turmas aos docentes? Foram turmas bem aceites?
- P9. Qual foi o critério de designação dos diretores de curso?
- P10. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos de Educação e Formação são uma alternativa válida?
- P11. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

P12. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

P13. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

P14. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

P15. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

P16. Leciona, no presente ano letivo, também nestes cursos e é Coordenadora de Departamento. Que lhe apraz dizer sobre a sua experiência no terreno? Enquanto professora as suas opiniões mantêm-se?

P17. O Projeto Educativo estava pensado, também, em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P18. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P19. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência(s), em termos futuros, terá esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista II

Destinatário: Coordenadora do 2.º ciclo do ensino básico (ATC)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Entender qual o seu papel, nomeadamente na coordenação pedagógica de cada ano ou curso e na organização, no acompanhamento e na avaliação das atividades de turma ou grupo de alunos dos CEF.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professores e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos e ainda a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os CEF na escola.
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação

Perguntas:

- P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?
- P2. É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de ciclo?
- P3. Qual é o papel da coordenadora de ciclo no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?
- P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?
- P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?
- P6. São dadas orientações? Como e a quem?
- P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?
- P8. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?
- P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?
- P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?
- P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que “...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...”. Está a ser conseguido?

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

P13. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceitas?

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência(s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista III

Destinatário: Coordenadora do 3.º ciclo do ensino básico (JF)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Entender qual o seu papel, nomeadamente na coordenação pedagógica de cada ano ou curso e na organização, no acompanhamento e na avaliação das atividades de turma ou grupo de alunos dos CEF.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professores e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos e ainda a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os CEF na escola.
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

Perguntas:

- P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?
- P2. É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de ciclo?
- P3. Qual é o papel da coordenadora de ciclo no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?
- P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?
- P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e avaliação de resultados obtidos?
- P6. São dadas orientações? Como e a quem?
- P7. Já lecionou nestes cursos, aliás foi diretora de um dos cursos, que lhe apraz dizer sobre essa experiência?
- P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?
- P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?
- P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?
- P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”.
Concorda?

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...". Está a ser conseguido?

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P18. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência(s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista IV

Destinatário: Diretora de curso em 2007/2008 ano de adesão aos CEF (CCC)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Perceber a ligação entre a teoria (discurso oficial/políticas) emanada dos ministérios e o percurso de práticas locais na voz dos intervenientes, ou seja, entender o trilho percorrido entre a orientação e a ação.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professor e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos os cursos e ainda a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os cursos de educação e formação na escola.
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

Perguntas:

- P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?
- P2. Foi diretora de um Curso Educação e Formação no ano de adesão da escola a esta modalidade de formação. Fale-nos dessa experiência. Repetiu, posteriormente a experiência?
- P3. O que faz uma diretora de curso?
- P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os CEF são uma alternativa válida?
- P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?
- P6. São dadas orientações? Como e a quem?
- P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?
- P8. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?
- P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?
- P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...". Está a ser conseguido?

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

P13. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência(s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista V

Destinatário: Diretora de curso em 2010/2011 (AS)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Perceber a ligação entre a teoria (discurso oficial/políticas) emanada dos ministérios e o percurso de práticas locais na voz dos intervenientes, ou seja, entender o trilho percorrido entre a orientação e a ação.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professor e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos os cursos e ainda a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os cursos de educação e formação na escola.
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

Perguntas:

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

P2. É diretora de um Curso Educação e Formação. Fale-nos da experiência.

P3. O que faz uma diretora de curso?

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os CEF são uma alternativa válida?

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

P8. Que futuro augura para estes alunos após a conclusão de um CEF?

P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens, para os jovens, em termos de maiores possibilidades de emprego?

P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”.

Concorda?

P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que “...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

P13. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceitas?

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista VI

Destinatário: Coordenadores de Departamento (JSS;MBF;YSM)

Aplicação: Abril de 2011

Objetivos:

- Aferir de rotinas, pois a si está confiada, legalmente, a responsabilidade de evitar a exclusão e o abandono escolar, assegurar a coordenação de procedimentos e formas de atuação nos domínios da aplicação de estratégias de diferenciação pedagógica e da avaliação das aprendizagens, desenvolver medidas nos domínios da orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professor e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos e ainda a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os CEF na escola.

Perguntas:

- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

P2.É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenador(a) de departamento?

P3. Qual é o papel do coordenador de departamento no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

P7. Já lecionou nestes cursos? Que lhe apraz dizer sobre essa experiência?

P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”.

Concorda?

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ..." Está a ser conseguido?

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P18. Na sua opinião, enquanto cidadão, que consequência (s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

Guião de Entrevista VII

Destinatário: Diretor do Agrupamento (Diretor)

Aplicação: Junho de 2011

Objetivos:

- Perceber qual a sua posição em relação a esta problemática e cotejar a relação entre discurso, o projeto de intervenção e práticas de gestão e administração que implementa e ou reestrutura na escola.
- Indagar da sua experiência profissional, enquanto professor e responsável de CEF, a forma como foram escolhidos os cursos e a sua opinião sobre o modo com estão a ser implementados os CEF na escola.
- Perceber qual a sua opinião, enquanto professor e cidadão, para possíveis consequências sociais, potenciadas por esta modalidade de formação.

Perguntas:

P1. Falemos um pouco de si, em termos profissionais: Quantos anos? Esteve noutras experiências de administração ou cargos de gestão intermédia? Razões da candidatura?

P2. A sua experiência enquanto PCE deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

P3. De acordo com o decreto-lei 75/2008 de 22 de Abril o diretor é o órgão de administração e gestão nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, sendo o Conselho Geral o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola. Na prática como se processa no que concerne, sobretudo, aos Cursos Educação e Formação?

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida? Como é feita a avaliação de resultados obtidos?

P5. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

P6. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

P7. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

P8. Tem sido prática, no seu mandato, ouvir os diferentes parceiros na escolha das ofertas formativas?

P9. Como é feita a seleção de alunos para os Cursos Educação e Formação?

P10. São dadas orientações? Como e a quem?

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

P13. Que orientações são dadas a atribuição destas turmas aos docentes? Há algum critério estabelecido?

P14. São turmas bem aceites?

P15. Qual o critério de designação dos diretores de curso?

P16. Já lecionou nestes cursos, aliás foi diretor de um dos cursos, que lhe apraz dizer sobre a sua experiência no terreno? Enquanto professor as suas opiniões mantêm-se?

P17. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

P18. O seu projeto de intervenção para o mandato, que está a decorrer, dá ênfase especial, nos objetivos e estratégias, ao combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, de que modo?

P19. Na sua opinião, enquanto cidadão, que consequência(s), em termos futuros, terá esta política educativa em termos sociais?

APÊNDICE II – transcrição das entrevistas

Entrevista - Guião I

Destinatário: Presidente do Conselho Executivo no ano 2007/2008 (IPE)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Falemos um pouco de si, em termos profissionais: Quantos anos, ou mandatos, assumiu o órgão de gestão do agrupamento? Razões da candidatura?

R1 (IPE): O meu primeiro mandato foi em 1998, num período de transição, depois... fui ficando (acho que lhe tomei o gosto) e... só abandonei o cargo em 2008. Fui sempre presidente e com a mesma equipa. Não é verdade, espere, tive um pedido de demissão de um elemento por mudança de residência. Mas, já tinha estado nesta escola por diversas vezes, antes de efetivar cá. Já depois de efetiva estive, por questões pessoais, noutra escola. Quando regresssei vinha com vontade de concorrer e... o período foi-me favorável... eu não tinha qualquer tipo de formação, ou experiência para o desempenho do cargo.

Razões da candidatura?!... Para além do um bichinho que me vinha a acompanhar, há muito tempo, de experimentar juntou-se a alteração da legislação, em que acreditei e dei o salto no escuro (risos).

A situação de mudança, que a escola parecia ir viver, em matéria de organização, por força do Decreto-Lei 115-A foi de facto decisiva. Falava-se em autonomia da administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação... dos agrupamentos, parecia-me tudo propício para que a escola se encontrasse e conseguisse o cumprimento do seu dever na formação da sociedade ... parece-me que ainda não disse, pois não, é que já trabalho há duas dúzias anos e já vi muitos filmes... não sei se disse tudo mas para já... avancemos. Não sei muito bem como explicar sem entrar em pormenores sem interesse. Sempre tive curiosidade de perceber como era estar no comando de uma escola e estava convencida que muito do trabalho, e tempo gasto, era trabalho demasiadamente burocrático e de cumprimento de ordens, melhor dizendo, de legislação e mais legislação, que, em meu entender, podia ser evitado e canalizado para coisas mais úteis e, como já disse, o aparecimento do 115, que me parecia trazer alguma mudança no sistema de ensino, em geral, fez-me acreditar, ser capaz de mudar a imagem desta escola, em particular. Era uma escola de grandes guerrilhas internas e grande fuga de alunos para as escolas da cidade...

P2. Esteve noutras experiências de administração ou cargos de gestão intermédia?

R2 (IPE): Só uma curta passagem pelo conselho pedagógico logo no início de carreira há mais de vinte anos, mas estava sempre em guerra com os outros (risos) e..., talvez por isso, não voltei a ser escolhida. Tenho uma personalidade muito forte e gosto de decidir tudo. Gosto de traçar caminhos em que acredito minimamente. Também fui diretora de turma mas isso não conta, pois não?!

P3. A sua experiência enquanto PCE deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa? Por que não continuou o desafio?

R3 (IPE): Bom..., em termos de administração, estou convicta de que este não é certamente o caminho. Basta estar atento ao que se passa neste momento nas escolas, ir trocando opiniões e facilmente de conclui que tem de acontecer uma mudança de rumo, consciente e séria, que ponha efetivamente a escola a ensinar, porque esse é o papel das escolas ...e há muito que deixou de o ser. Estou muito revoltada e desacreditada com tudo isto e temo pelo futuro...mas parece que quem ocupa os lugares, não o está

Políticas educativas...onde andam!?!... Políticas? Serão... mas educativas não são. Passo a esclarecer, pelo menos vou tentar.... Então a escola não tem por missão ensinar todos? Pois parece-me que andamos a enganar uns quantos... a maioria vai à escola, passa lá o dia, a coberto de ditas políticas educativas, que de oportunidade só têm no nome...não quero ter peso na consciência de fazer parte desta teia de faz de conta...isto é a mandar fazer, porque na prática, no dia-a-dia, também sou cúmplice, mas sou só professora...a engolir sapos!

Por que não continuei o desafio? Por uma razão óbvia. Não acredito neste atual modelo. Não acredito que os problemas da escola pública e da educação se resolvam, ou tomem rumo, com este modelo de diretor com poderes para tudo e mais alguma coisa. Nem eu nem ninguém da minha equipa continuámos. Mas, sinceramente fui juntando um cansaço de autonomias prometidas, de projetos educativos de escola, e o diabo a quatro, que vão desgastando as pessoas sem proveito para os alunos. Foi-se caindo num fazer de documentos sem qualquer interesse que os governos, seus ministros, vão mandando fazer sem de uma forma séria se questionarem para que servem...nem somos ouvidos.

Ninguém parece levar a educação em Portugal minimamente a sério. Andamos sempre a reboque de modelos de outros países que colamos em realidade diferente. Se já cá dentro temos realidades tão diversas e distintas, que não são entendidas dessa forma, como é possível este copia e cola que fazemos tão engalanados? Lá legislação e mais legislação a mandar fazer, de forma cega, não falta o pior é cumprir. É muita ginástica que neste momento não estou disposta a fazer. A escola na minha opinião vai bater

muito no fundo e temo o que pode daí advir....Estive à frente do destino desta escola em momentos chave: Transição e vigência do DL 115-A/98 e a transição para o DL 75/08. E em termos de administração e políticas educativas vão, certamente, chegar a um ponto em que as consequências não poderão mais ser encobertas... por isso... eu quero estar de fora...quando não se acreditaisto é, da mesma forma que abracei o projeto por ter acreditado deixei o lugar, por desalento....

P4. Quais as razões para a implementação dos CEF na escola só no ano letivo 2007/2008?

R4 (IPE): As motivações, ou melhor dizendo, as razões não podem ser encontradas, exclusivamente, no seio da organização, mas sim, e em grande parte, no Ministério da Educação, enquanto entidade responsável pela criação e implementação de políticas educativas em Portugal, deixando aos atores locais uma insignificante margem de manobra. Fui retardando o tempo que consegui, por não estar interessada nesse tipo de turmas... são sempre problemáticas e por estar contra este tipo de formação. Já na altura, não me parecia que fosse uma aposta séria...e por minha vontade, até o dia em que saí, não tinha aderido mas...a autonomia é só no papel e as escolas têm de obedecer ao seu superior hierárquico e esta, obviamente, não é exceção. Quem decide é quem manda e... quem mandava não era eu, nem ninguém da escola...fazemos de conta que mandamos. Mandamos quando não temos opinião e acatamos tudo. É claro que a escola estava a perder alunos que abandonavam sem concluir o ensino básico e outros acabavam por concluir com várias retenções, e...? Pergunto eu, qual é a diferença em termos de conhecimentos!? A diferença, para os alunos e famílias é comerem de graça; para o Ministério da Educação - aumenta o sucesso; para o Governo há menos desempregados e para a escola temos mais alunos, que andam entretidos e temos as vantagens inerentes, como mais professores e etc. A partir daí foi necessário desencadear todo o processo burocrático para canalizar alunos para os cursos.

P5. Como foi desencadeado o processo? Com foram selecionados os alunos? E a escolha dos cursos?

R5 (IPE): Foi criada uma equipa liderada por um professor que tinha sido, por acaso, contratado naquele ano e que eu sabia que tinha grande experiência no assunto, pois acumulava com uma escola profissional da cidade, na qual fazia já esse trabalho, mais precisamente com cursos profissionais de ensino secundário. O que era necessário era que aparecessem turmas. Também os coordenadores de ciclo e departamento foram envolvidos para fazerem a listagem dos alunos que tinham idade. Lembro-me que dois

ou três foram buscá-los a casa. Rapidamente se formaram duas turmas. Havia muitos alunos com várias retenções no mesmo ano ou ciclo que, efetivamente, se assim não tivesse sido andariam mais tempo a “marcar passo”. Eu, claro que fui acompanhando o processo, até porque era necessário não esquecer que, a serem criadas essas turmas, haveria necessidade de contratar pessoal docente ou por fim a alguns horários zero. Aliás, a escolha dos cursos já teve presente essa pretensão; não perder alguns professores do quadro de escola que dadas as suas áreas de formação estavam em risco. Mas pronto...posta esta condição a equipa lá apresentou ou resultados. Não foi difícil, foi só seguir a lei, com os devidos reajustes, como já referi. Foi seguir a lei dando-lhe um toque local (risos).

P6. De que forma foi a comunidade educativa envolvida no processo de seleção e avaliação de resultados obtidos?

R6 (IPE): Bem...legalmente ouvimos os alunos e os pais, mas... a decisão foi nossa, do Conselho Executivo. O assunto foi levado ao Conselho Pedagógico, mas já foi levada a proposta devidamente fundamentada. Foi fundamentada na lei que “obrigava” a abertura da escola a esta formação e, a crescer a isso, as áreas foram fundamentadas basicamente: para o curso de dois anos o facto de estar, na época, em expansão a zona industrial da vila, e serem necessários operadores de armazenagem e o de um ano nem precisava de justificação pois era de informática e os miúdos ate gostam. Toda a gente sabe ... é sempre assim... embora fosse necessário, acho eu, ter o parecer das empresas da região mas... isso consegue-se sempre ... não têm nada a perder e não têm de dar emprego a nenhum. Toda a gente votou a favor.

P7. Constituídas as turmas, que medidas foram tomadas, dado tratar-se de alunos com características peculiares?

R7 (IPE): As turmas foram constituídas por tudo o que apareceu. Resultaram, basicamente, da limpeza das turmas normais. Os diretores das turmas apontaram os nomes e depois seguiu-se o processo de inscrição. Sabe que dizer aos pais que o filho vai avançar e que vai conseguir acabar a escola obrigatória antes dos outros, os ditos normais...é obra! Até ficam convencidos que os filhos foram premiados pela escola por serem bons rapazes (risos). Teve, bem vistas as coisas, o mérito de limpar as turmas do regular. Nem tudo é mau...

P8. Que orientações eram tidas na atribuição destas turmas aos docentes? Foram turmas bem aceites?

R8 (IPE): Bem... não sei bem o que dizer mas... não tivemos dificuldade em resolver o assunto. Quanto aos professores, alguns já sabiam o que os esperava... mas do ma o menos; pelo menos tinham horário para mais algum tempo. Quanto aos outros, sobretudo para informática, abri concurso e foi o que apareceu... com os da casa o critério foi... ir enchendo os horários, mas reconheço que alguns foram poupados para as turmas normais, como sabe os pais só reclamam, os que reclamam, no prosseguimento de estudos e sobretudo no ensino secundário... é luta das notas para o ingresso.

P9. Qual foi o critério de designação dos diretores de curso?

R9 (IPE): O critério não foi bem o da lei, mas isso não faz diferença nenhuma. É preciso é que o trabalho se faça é isso que o Ministério quer e isso foi garantido não reprovou nenhum menino (risos). Os diretores de cursos foram, para o de armazenagem, uma professora da área técnica que, por só ter aquela turma, passava os dias com eles, desgraçada, só não foi, no primeiro ano, diretora de turma. Do outro como a de informática era contratada, eu não a conhecia, e era preciso alguém para por ordem na coisa, não arrisquei, e foi diretor de curso um professor de educação física, com mais anos de serviço, que tinha vindo para a escola naquele ano... tinha estado destacado.

P10. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R10 (IPE): Evidentemente que não. Como é possível acreditar ser possível. Então concentramos no mesmo espaço alunos que não conseguiram, em tempo normal adquirir dos conhecimentos mínimos, sim porque já no ensino regular avançam todos com os mínimos dos mínimos, e todos juntos, em menos anos, conseguem...

P11. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R11 (IPE): Estamos em caminhos diferentes para continuar a manter diferente o que é desigual: as oportunidades de sucesso. Que me recorde não temos na escola nenhum aluno que tenha, depois da conclusão do CEF, passado nos exames nacionais para voltar ao ensino regular; alguns ficam e continuam no ensino profissional e não mais do que isso, por alguma coisa será...

P12. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R12 (IPE): Voltar para a vinha ganhar uns dias ...

P13. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R13 (IPE): Sinceramente não. Eles no último ano têm umas horas de formação em contexto de trabalho, normalmente por aqui perto, e nenhum conseguiu ficar a trabalhar para além do estágio. Como são daqui da zona, penso que seria expectável que ficassem durante algum tempo a trabalhar, a utilizar o que aprenderam, mas...alguma coisa se passa... então eles mal sabem ler e escrever. As empresas aceitam-nos por saberem que são só uns dias, não têm nada pagar e a escola faz o seu trabalho de casa: os mais problemáticos e que inspiram menos confiança fazem o seu estágio na escola, andam por lá com os assistentes operacionais...

P14. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R14 (IPE): Obviamente que não.

P15. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

R15 (IPE): Eu sou muito séptica em relação a estes CEF. Por alguma razão não obedecemos logo de início. E mais estou convencida que se está a tornar numa epidemia. Não se aflija que eu justifico o que estou a dizer...No início ser CEF, para todos os outros alunos, era sinal de ser refugio. Agora em todas as turmas do regular a grande maioria quer ir para o CEF. Nem se importam de reprovarem porque depois no CEF, segundo eles, avançam, não têm de estudar e fartam-se de andar cá fora e de passear. Não vai tardar muito tempo, se não se tomarem medidas sérias, as escolas têm de dar rebuçados aos miúdos para ter turmas de ensino regular... ou então continuamos a baixar os níveis de exigência, para que eles permaneçam.

P16. Leciona, no presente ano letivo, também nestes cursos e é Coordenadora de Departamento. Que lhe apraz dizer sobre a sua experiência no terreno? Enquanto professora as suas opiniões mantêm-se?

R16 (IPE): Não só se mantêm como saem, infelizmente reforçadas. Quem está no terreno só não verbaliza o que vê por conveniência é preciso agradar e ter trabalho por isso... meia bola e força. Como coordenadora de departamento, faço o que fazem os outros: nada!

P17. O Projeto Educativo estava pensado, também, em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R17 (IPE): O PE que devia ter sido revisto, de acordo com a lei este ano letivo, tinha um lema: por uma escola de qualidade! Não, não estava pensado para esta modalidade de formação. Pretendia-se diminuir o abandono e insucesso escolar, trazer mais alunos à escola e que a mesma fosse uma escolha para famílias que pretendem, sobretudo, que os seus filhos frequentem escola para serem ensinados e não para cumprirem anos de escola para ficarem com um certificado.

P18. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R18 (IPE): Pois ainda bem que me diz, pois não sabia! Penso que está a ser conseguido mas de forma errada e ilusória. Eu explico! Temos conseguido manter na escola, e com sucesso garantido (risos), alunos que de outra forma não andariam por cá e saem de canudo. No entanto como é uma escola de vila e, atualmente, com ligação rápida à cidade, os pais que têm possibilidade levam os filhos para as escolas da cidade, onde o número de alunos permite constituir turmas de elite. Eu tenho consciência de que as minhas afirmações são problemáticas mas são a constatação da realidade.

P19. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s), em termos futuros, terá esta política educativa em termos sociais?

R19 (IPE): Eu tenho a fama de ser muito arrojada no que afirmo, o que, aliás, me tem trazido alguns dissabores profissionais, mas, neste caso, penso que a análise que se pode fazer de toda esta situação é muito, demais, previsível. Só quem andar muito desatento, ou continuar a não querer ver, pode negar estas evidências. Vamos ter gerações mais analfabetas, embora com mais anos de permanência na escola. Está a acontecer um efeito de contaminação, pela facilidade. Cada vez mais alunos, e mais cedo, querem ir para o CEF, e as famílias fazem a vontade aos meninos com a conivência da escola, e receio que esse seja o rumo dos próximos anos. A ser assim, estamos a retardar os hábitos de trabalho dos alunos que nem ajudam as famílias nem trabalham nas escolas. Então, quando é que vão sentir que é preciso trabalhar ...Os alunos não são ensinados a esforçarem-se para irem mais além. Estamos a enganar toda uma geração e vamos colher os resultados. E é necessário lembrar que o ensino básico já é de doze anos e as turmas CEF continuam a aumentar...

Entrevista – Guião II

Destinatário: Coordenadora do 2.º ciclo do ensino básico (ATC)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (ATC): Então...sou professora do quadro desta escola, desde a década de oitenta, sou professora de Português e História e só estive um ano, logo quando acabei o curso, fora desta escola, mas foi aqui perto e é só.

P2. É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de ciclo?

R2 (ATC): É! Sou estrepante nestas andanças. Já fui diretora de turma várias vezes mas nunca tinha coordenadora. Primeiro, quando a eleição era feita entre os diretores de turma consegui sempre que não votassem em mim agora quem nomeia é o diretor e não se pode recusar...

P3. Qual é o papel da coordenadora de ciclo no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

R3 (ATC): Nenhum. Isso é com a direção é que me foi dito. Só como diretora de turma é que vou indicando nomes para os cursos, os que têm perfil (risos).

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R4 (ATC): Sim, sim! São alunos que só andam na escola para chatear os professores e estragarem as turmas, durante anos a fio, assim sempre vão embora mais cedo e ficam todos juntos. Para nós é mais fácil ...agora para quem tem de aturar tantos, numa só sala, ... nem consigo imaginar...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (ATC): Não faço ideia. Em pedagógico não se passa nada... o representante das novas ofertas educativas limita-se a dizer que está tudo bem e sempre a andar. No início do ano o Diretor informou que ia haver turmas de CEF e no final do 2.º período pediu, especialmente, aos coordenadores do 2.º e 3.º ciclos para avisarem os diretores de turma para sinalizarem os alunos para se formarem as turmas de CEF e é só o que sei...

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (ATC): Nem sei como nem a quem. Deve ser aos diretores de curso mas...não sei. Certamente será a alguém, mas não posso afirmar ... aquilo é muito à margem de tudo o

que funciona na escola. Dizem ser uma dinâmica muito própria...No início do ano estava um aviso na sala dos professores, assinado pelo senhor diretor, para dizer que todos os materiais dos CEF e cursos profissionais deviam ser entregues, no final do ano letivo, pelos diretores de curso na direção. O resto...não se sabe, eu pelo menos não sei, como se processa.

P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R7 (ATC): Estamos a falar de sucessos nas aprendizagens!? Não sei o que eles aprendem nos cursos, nunca dei, mas parece-me impossível que aprendam grande coisa...só se for a portarem-se melhor. Como os professores já sabem que não podem esperar muito deles, em termos de aprendizagens, devem apostar na educação e nesse aspeto parece que conseguem fazer alguma coisa com eles. Eu costumo vê-los cá fora aos grupos, com alguns professores, e eles obedecem...já não é mau...agora sucesso para prosseguirem a estudar não estou a ver como e...trabalho...não há para os melhores muito menos para eles. Vão continuar a fazer uns biscates, neste caso, na vinha e pouco mais... emigrar, também, está difícil ...isto está muito mau...

P8. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R8 (ATC): O mesmo que se não tivessem andado tantos anos na escola. Só variará no terem um certificadozito. Vão, eles e nós, passar por tempos difíceis. Eles por não saberem nada e não terem de que se valer e nós por termos de estar calados a aguentar tudo nas escolas e depois aguentar... lá fora. Eu sou daqui e tenho vinha. Ninguém quer trabalhar, não aparece ninguém...de que vão ganhar a vida!? É preocupante...

P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R9 (ATC): Não, não, não tem vantagens nenhuma. Só pelo facto de concluírem o ensino básico e ficarem, legalmente, despachados para tirarem a carta de condução, e assim... de resto... e sempre vão embora mais cedo ...alguns saltam do 6.º ano para os cursos e acabam o 3.º ciclo em dois anos não é por ficarem espertos é, isso sim, uma maneira engenhosa de os por lá fora mais depressa com a missão cumprida.

P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R10 (ATC): Não, só pode ser considerado, honestamente, um meio de dar certificados de 9.ºano, a quem, de outra forma, nunca o conseguiria... a não ser que fosse pelo cansaço de os ter nas turmas.

P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ..." Está a ser conseguido?

R11 (ATC): Sucesso como!? Acabarem e em menos tempo!? Logicamente que sim, na perfeição. Então desde que passam para lá, não reprovam mais, não é preciso planos de acompanhamento nem de recuperação, têm notas excelentes então, não sabendo eu quais são as medidas que são tomadas, tenho de concordar que é um aparelho, do ministério da educação, bem montado e ...estão pouco preocupados com a realidade...os fins é que lhes interessa é um sucesso fantástico (risos).

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R12 (ATC): Nas escolas o sistema está obedecido. Quem manda é o ministério, querem lá saber de realidades distintas como se apregoa, e esse pode estar descansado os dinheiros que vêm estão a fabricar sucesso instantâneo. Em termos de imagem, no imediato, estamos muito melhor, no futuro vamos ser uma cambada de ignorantes, cada vez mais distantes das decisões europeias mas... será um problema nosso, de portuguesas, nessa altura já a Europa fechou a torneira que nós, mais uma vez não estamos a saber aproveitar. Está-nos nos genes ...

P13. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R13 (ATC): Não sei como são atribuídas...em pedagógico, nada é dito, só sei que os colegas, eu nunca tive, alguns só lhes falta chorar. Se calhar choram muitas vezes sozinhos... deviam ter mais apoio e formação para lidar com a situação ...os conhecimentos académicos de pouco lhes servem...

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R14 (ATC): Estou a saber agora. Está com sorte, então, tem os mesmos objetivos do ministério vai ter excelente na avaliação (risos) (pausa prolongada. Estamos a acabar com e escola pública com esta brincadeira! Será que ninguém tem coragem de inverter esta situação...a escola deixou de fazer parte da agenda política dos políticos. É pura e simplesmente um instrumento, com fins bem determinados, para chegar a fins que de educativos têm muito pouco, lamento...fico todos os dias feliz por já não ter filhos na escola...

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R15 (ATC): Eu só este ano o li, para ver se me ajudava no cargo e nas questões da avaliação de colegas, sou relatora, e não lhe é dedicada uma única linha...sucesso e insucesso sim mas não existe nos CEF, existe antes de serem CEF por isso...Este ano vão construir um novo, até já há equipa, lá mais para o final do ano pode ser que haja novidades...no plano anual de atividades também não aprecem...andam lá na vidinha deles....

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R16 (ATC): Não...naquela altura quem não queria aprender ia trabalhar...

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

R17 (ATC): Isto não se pode responder assim a sangue frio mas vou tentar. A situação é, e vai ser, cada vez mais grave. Está-se a transformar num fenómeno contagiante. Nas escolas como esta, com pouco alunos e de origens muito humildes, com baixas expectativas em relação à escola, esta política está a produzir um efeito muito preocupante. Os pais já no 2.º ciclo, com filhos sem reprovações dizem: veja lá não me passa o rapaz/rapariga andar cá muitos anos empatado mande - mo para os cursos. E ... apontam logo o caso de A, B ou C que se despacharam num instante e não lhes gastaram dinheiro nenhum. Vamos caminhar para escolas de primeira e de segunda escolha. Sobretudo agora, com a crise, em que há menos dinheiros e muitos pais vão, certamente, tirar os filhos das escolas privadas vão fazer pressão junto de quem de direito para que isso passe a ser prática. Há sempre forma de marginalizar socialmente embora se advogue o contrário...

Entrevista - Guião III

Destinatário: Coordenadora do 3.º ciclo do ensino básico (JF)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (JF): Sou professora de línguas, no 3.º ciclo e secundário, tenho vinte anos de serviço, estou nesta escola há catorze... para além da componente letiva...estive vários anos, numa escola só de 3.º ciclo, num conselho executivo era responsável pelo SASE e pelos transportes escolares, passei, foi mesmo passar (risos), nesta direção pelo cargo de adjunta e... é o mais relevante...

P2.É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de ciclo?

R2 (JF): Não, fui coordenadora, também do mesmo ciclo, no último executivo...

P3. Qual é o papel da coordenadora de ciclo no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

R3 (JF): Nenhum. Rigorosamente nenhum. Desculpem-me a franqueza mas acho que ninguém tem um papel, ou sabe qual é o seu papel. Parece-me que é do género: aconteceu arranje-se quem resolva e ou é quem estiver mais a jeito ou quem der mais jeito, assim vai...enquanto coordenadora de ciclo limito-me a dizer que sim, sem ler, ao que vai a pedagógico, mas também não é grave, o não ler... ninguém leu a não ser quem escreveu. São só cumprimento de algumas legalidades, ou coisa que o valha...

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R4 (JF): Como!? Desculpe o meu espanto! Mas fico sempre um pouco irritada com estes assuntos, não têm culpa é até acho importante, importantíssimo, que alguém se dedique a estudar, seriamente, este assunto e... possam refletir sobre o que está a acontecer nas nossas escolas, sem interesse nos números ou nos sucessos fabricados. Já respondi, não já? Mas vou sintetizar para que não restem dúvidas: nunca serão. O CEF nunca o foi! Mas, a outra, a dita normal, também não o está o ser. Para o ser terá de ser redefinido o que se pretende que seja o ensino básico neste País...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (JF): Que eu tenha conhecimento ninguém é propriamente envolvido ...cada um vai mandando, sempre que pode, alguns para os CEF. É uma tentativa de tentar salvar uma

ou outra turma em que ainda andam alguns miúdos com retaguarda familiar e vontade de aprender... até dói a alma pensar que, pela presença destes que não querem nada com a escola, que nos esgotam o tempo e a paciência, outros ficam com as aprendizagens diminuídas. A avaliação? Como? Se há insucesso? Nunca! É até proibido (risos). Por este andar, não há-de tardar os professores, mas têm de ter, como diria a minha avó, grandes fígados, preferem essas turmas. Então não é? Não é preciso preparar aulas e não é preciso justificar as negativas, passamos logo a ser professores exemplares que ensinam tão bem que todos os alunos passam. É disto que o ministério da educação gosta e chama sucesso!

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (JF): Pois depende da ocasião, com já disse...a prática tem sido socorrerem-se de quem pode valer, melhor, para determinada situação. Não há, parece-me, um fio condutor de atuação. Quando começamos, falo desta escola porque é a realidade que conheço (das outras oiço contar), havia a preocupação de escolher diretores de curso distintos dos diretores de turma...até porque a lei atribui tarefas, também distintas às duas figuras. Este ano a novidade foi acabarem, o ministério, com as horas destinadas a coordenação e é o diretor de turma, que com noventa minutos semanais tem de fazer tudo...Convenhamos ... é acabar de vez com algum trabalho bem-intencionado que se aí fazendo nas escolas...é o assumir por parte de quem vai mandando que não há nada para trabalhar é só deixar passar o ano e dar diplomas como quem dá chupas...é verdade, temos um representante para as novas oportunidades no pedagógico mas durante todo o ano nunca o ouvi dizer mais nada a propósito do assunto que não seja nos inícios de período, quando nós os coordenadores do regular apresentamos o balanço da avaliação sumativa, dizer: “está tudo bem! Não há níveis negativos nem problemas dignos de registo!”. Então, pergunto eu para que são precisas decisões, orientações ou horas para reunir e pensar formas de atuação!?... Afinal o ministério sabe o que pretende! Só que ... podemos, neste mundo tão global, globalizar muita coisa, mas não se globaliza a ignorância, ninguém a quer e...vamos ser nós a liderar a tabela ...somos mesmo bons! (risos)

P7. Já lecionou nestes cursos, aliás foi diretora de turma de um dos cursos, que lhe apraz dizer sobre essa experiência?

R7 (JF): Já dei aulas num curso. No primeiro ano era também diretora de turma. Da experiência, enquanto professora, até me custa dizer que fui professora porque de inglês não consegui que aprendessem uma palavra. Eles tinham-me respeitinho, seria medo, o

certo é que ao contrário do que acontecia noutras aulas. Nas minhas não saiam do lugar quando lhes dava na cabeça. Estavam calados e passavam tudo para o caderno, comigo tinham caderno, só que.... Até dá vontade de rir...mas, não o faço, por ter consciência da gravidade da situação. Enquanto diretora de turma, para ser sincera até tive menos trabalho do que com uma turma normal. Os pais não vinham à escola, nem queriam saber de avaliação nenhuma por isso... a diretora de curso é que tinha muito trabalho com uma série de documentos e papelada para tudo e mais alguma coisa. Vivemos legitimados por uma quantidade de burocracias que servem não se sabe muito bem para quê ... não correspondem à realidade...faz-se de uma maneira, mutas vezes bem diferente, do que se escreve... mas, como sabemos o que quem manda quer ler...ok faz-se o percurso, no papel, até lá chegar....

P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R8 (JF): Temo bem que sim... por este andar... os normais também chegam a CEF. Então a fama propaga-se e a lei do menor esforço está a vencer...

P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R9 (JF): Vão para a vinha e se alguém os quiser na altura... com a escola de nada fazer que levam...só que a necessidade vai obrigar a ter que trabalhar e alguns terão trabalho na vinha, aqueles que quando estão em casa os pais têm o bom senso de os por a trabalhar para aprenderem alguma coisa...é que temo em termos sociais ...

P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R10 (JF): Não acredito de todo. Até porque seria interessante fazer um estudo para apurar isso mesmo: quantos alunos com o certificado de CEF de ensino básico se conseguiram empregar por terem essa aprendizagem, dita profissional, ...não querem fazê-lo e depois publicar os resultados? Mandar para as cabeças pensantes deste país...

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R11 (JF): Valha-nos Deus... o mundo do trabalho, para além de ser uma entidade em vias de extinção, quer gente que trabalhe, que saiba fazer coisas, dentro de determinada área de competência...eu acho que se fosse empregadora o facto de ter sido CEF era logo carta fora do baralho. Estamos a falar de miúdos que mal sabem ler! Ou será que só nesta escola é que isso acontece? Mas a acreditar no que de vez em quando se ouve,

muito de vez em quando, não convém acordar o enfermo, parece ser mal generalizado, não lhes parece!?!...

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ..." Está a ser conseguido?

R12 (JF): Então não! (risos) E que bons resultados. Sucesso absoluto é só quatro e cinco! Um três é nível raro naquelas pautas, quase uma ofensa para os pequenos... não é preciso a promoção do sucesso escolar, refiro-me ao sucesso de cada aluno: é automático, basta aderir no ato de matrícula... agora o sucesso da escola tenho as minhas dúvidas... está-se a garantir a redução do abandono da escola, que é de facto uma realidade, à custa da propagação da ignorância. Mas não acredito que seja um processo ingénuo. Como vai ser quando deixar de existir verbas do POPH, uma coisa parecida, como se vai conseguir manter a situação. Sem dinheiro é impossível, não é? E depois? Deixa de ser o oásis das escolas, sim porque o dinheiro que entra vai fazendo muitos milagres, mas não é para aqui chamado o assunto... só se a intenção do ministério é esperar que seja a rebaldaria total... e se assim for ninguém estranhará ... o anormal passará a ser o normal, já nem sei o que diga!....

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R13 (JF): Os mecanismos ... Desconheço e penso que ninguém conhece. Mas, o certo é que o Sr. Diretor fica satisfeito com as afirmações do coordenador das novas oportunidades quando abre a boca em pedagógico; duas ou três vezes por ano, para dizer sempre o mesmo com um ar muito solene, por isso deve estar tudo aferido ... num trabalho de bastidores (risos) ... Os coordenadores de ciclo vão reunindo, com alguma regularidade, sobretudo para calendarizar as reuniões intercalares, analisar resultados de avaliação sumativa, fazer plano de recuperação, relatórios e por aí fora, mas não são abordados os CEF ficam arredados, na totalidade, dos trabalhos sobretudo desde que entrou esta direção. Temos ordem, do adjunto, para não responder e encaminhar os professores, os alunos e mesmo os encarregados de educação para a direção... estranho!? Estamos de acordo mas é assim que se vai vivendo no reino da anarquia... provavelmente nós, os coordenadores, não temos competência para argumentar ou aliciar para esta oferta tão generosa. Cá para mim deve existir um certo receio de que possamos produzir algum documento menos conveniente, politicamente falando, assim não... o que parece andar à deriva está perfeitamente controlado e tem

intenções bem definidas...nós, com os outros a que andamos a brincar ao faz de conta...isto é anónimo, não é verdade (risos)

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R14 (JF): Não sei, o Sr. Diretor não se confessa e o certo é que de vez em quando parece mesmo castigo. Eu admito, que aceito muito mal e tenho insónias frequentemente. Não por não ser capaz, como já disse antes, não tenho problemas com eles mas...engulo muitos sapos por ter de fazer parte desta pantomina, que não passa disso mesmo. Isto é não identificado, não é verdade!?!...eu sei que sim estou só a aliviar-me para não dizer mais...mas... é o que penso e quero ficar com a certeza de que dei o meu contributo para um trabalho que não tenho dúvidas também o pretende ser!

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R15 (JF): Não conheço o projeto de intervenção, não foi divulgado, o que sempre me espantou, por isso não sei quais serão os objetivos do dito projeto. Mas, o abandono tem diminuído, insucesso nem vê-lo agora a igualdade de oportunidade é que está, certamente, longe de ser alcançada. Na minha humilde opinião as oportunidades estão a ser casa vez mais uma miragem só que tem, no imediato, uma capa camufladora da realidade séria. Como têm as mesmas oportunidades se, como julgo saber, os alunos devem ter todos á saída da escolaridade básica o mesmo nível de conhecimentos, para depois poderem escolher o resto do seu percurso académico, não é assim!? Não conheço nenhum que tenha feito exames de português e matemática no final do ciclo e tenha passado. Eu sei que só faz quem quer voltar aos regular mas, devia ser engraçado se fizessem todos, só para aferir resultados (risos). A oportunidade, é voltarem as suas raízes um bocadito mais velhos, e enquanto estão na escola comem de graça e estão entretidos, é verdade, por este prisma não é mau de todo...

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R16 (JF): É como se não existissem. São, usando as palavras do Sr. Diretor “uma dinâmica à parte” (risos)

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R17 (JF): Sim, como referi no início da entrevista, e francamente a visão que eu tenho resulta mais do trabalho de todos os dias e das conversas com colegas de profissão. Não me parece ser necessário ter cargos para nos apercebermos por que ruas da amargura vai a educação em Portugal. Parece que o Rei vai nu, ou pelo menos muito esfarrapado...

P18. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

R18 (JF): Não é preciso esperar por futuro nenhum. Os resultados estão à vista. A sabedoria é cada vez menor e cada vez menos temos forma de os motivar para a aprendizagem. Os jovens estão num beco sem saída, de que são consequência, pois a causa está nas políticas erradas que sucessivamente vão sendo testadas nas pobres cobaias, que são os miúdos. Os culpados somos nós, e os dirigentes, que de forma tão leviana é capaz de atirar as culpas... mas quem tem obrigação de decidir políticas educativas de sentido, honesta e credíveis?! São eles!? O que podemos esperar de jovens em que as famílias estão ausentes durante todo o dia, ou por estarem a trabalhar ou porque os confiam à escola como parceira na arte de educar, ... ensinar, e refiro-me a ensinar em sentido alargado, não só o inglês, o português ou a matemática, mas também essas aprendizagens importantes. Prometemos tudo e só lhes garantimos facilidades, enquanto brincamos às escolas, depois limpamos as mãos...É lamentável ...

Entrevista – Guião IV

Destinatário: Diretora de curso (CCC)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (CCC): Estou nesta escola, com professora de quadro há 16 anos, embora tenha mais meia dúzia, também nesta escola, como contratada. Tenho feito de tudo um pouco, sobretudo quando o trabalho não contava para a progressão na carreira eu saía sempre na rifa...fui coordenadora de departamento, de ciclo, de exames nacionais, de provas globais, e por aí fora...fui também presidente da Assembleia de Escola até a mudança de legislação...saí com o executivo.

P2. Foi diretora de um Curso Educação e Formação no ano de adesão da escola a esta modalidade de formação. Fale-nos dessa experiência. Repetiu, posteriormente a experiência?

R2 (CCC): Falar dessa experiência...nem sei como começar...nem o que dizer...foi um ano de muito trabalho tudo era novidade e eu tinha uma certa esperança...achava eu que se se comesse bem, isto é, com regras bem definidas e com critérios bem definidos podíamos fazer ... um trabalho válido de formação...a presidente do conselho executivo da altura era bastante reticente à ideia... e foi protelando a criação de turmas de formação na escola...ela era..., quero dizer, ... defendia que uma escola tem de ter por missão ensinar alguma coisa aos alunos e que o caminho de uma escola de qualidade, que defendia afincadamente, era adversa a esta oferta formativa...mas... chegamos a certo ponto e não adiantou a resistência e a não concordância ... as pressões do ministério passaram, na prática, a ordem para avançar e... eu fui convidada a liderar, em conjunto com outro colega, o processo. Eu ia ficar sem turmas, no próximo ano, e claro que agarrei a oportunidade com unhas e dentes ...ninguém se opôs à escolha da área de formação, que claro era aquela que me interessava...que me garantia horário para dois anos...Fiquei com a carga horária letiva toda naquela turma...dezoito horas... e ainda diretora do curso...que dizer sobre a experiência ... no início nem queria acreditar no que me estava a acontecer...era tudo muito estranho... tê-los sentados, conseguir isso, era uma vitória e uma aula dada...era assim com todos os professores da turma...mas...fomos fazendo progressos, no comportamento, e no segundo ano já pareciam outros: estavam mais calmos e educados...já acatavam ordens e..., nesse ano,

aprenderam alguma coisita das matérias do curso, sobretudo da parte prática, era a nossa maior preocupação. Mandá-los para fora da escola, para o estágio, e não termos a mínima garantia de que não trariam problemas É que sendo o primeiro ano... se a coisa não corresse bem as empresas fechariam as suas portas e depois que fazer!? Num meio muito pequeno... os alunos, sobretudo estes, são das aldeias e dependem dos transportes escolares e temos de nos cingir aos estágios nas redondezas da escola... É que as escolas têm de se desenrascar e apresentar resultados. Temos as verbas e pronto isso é o suficiente, na ótica do Governo, para que tudo tenha solução e na prática não é bem assim... as empresas não recebem absolutamente nada e o trabalho dos estagiários é mais cansativo para eles do que benefícios...espero ter respondido, de forma resumida, como pretendia. A experiência tem sido continuada na mesma turma. Quando estes alunos estavam no último foi aberto um curso profissional, na mesma área, para manter estes alunos na escola, no secundário. A maioria aderiu e juntaram-se outros que tinham concluído o básico no regular. Eles continuaram na escola e eu, durante mais três anos, tenho a garantia de horário e continuo a ser a diretora do curso. Mas, com CEF nunca mais trabalhei; têm aberto outros noutras áreas.

P3.O que faz uma diretora de curso?

R3 (CCC): No ano em que começamos fazíamos muita coisa. Fazíamos sobretudo documentos, isto é, impressos de registo. Não havia nada e o programa alunos não era adequado, então passei o ano a tratar, sobretudo, da parte burocrática. A presidente do Conselho Executivo não queria saber de nada que estivesse relacionado com os CEF ... dava-se conta que estava contrariada... resistiu até ao último instante...Era eu que preparava previamente os documentos...por vezes não batia certo à primeira ...era tudo feito por tentativas e reformulado de acordo com o que se tinha de apresentar...mas...isso nunca foi problema...é um assunto que ninguém liga. Basta ver que estes cursos, ainda hoje, não estão contidos nos documentos da escola; o Regulamento Interno é omissivo e estou convicta que assim vai continuar, não há vontade de o fazer porque estes alunos são, para a grande maioria dos professores, um mal necessário nas escolas e o importante é dar-lhes, rapidamente, o 9.º ano porque já andam por lá há uns anos e estragam as turmas dos ditos normais. Mas, voltando à pergunta, a lei aponta uma série de atribuições para os diretores de curso só que isso acaba por não acontecer. Nem a escola nem o Governo leva o assunto a sério por isso...não há nada a fazer, não lhe parece? Inicialmente era obrigatório que a equipa pedagógica reunisse uma vez por semana para discutir estratégia de atuação, são alunos

muito difíceis, só que isso gradualmente foi desaparecendo. Já não se reúne ...este ano ainda reunimos menos do que os do ensino regular...e quando reunimos é para receber, de boca calada, orientações, do adjunto do diretor que na grande maioria das situações são contrárias ao legislado. Eu sei porque reúno, como diretora do curso profissional, e os colegas comentam que com eles é a mesma coisa. A colega de tem um CEF este ano até anda zozza mas de boca calada porque ser-se contratada a isso obriga...As vezes vem falar comigo e desabafa que tem medo das consequências de contrariar, a todo o momento, a lei...e eu nem sei que lhe dizer digo sempre para deixar em ata que foi orientação da direção...mas...digo-o só para a sossegar porque a DREN tem mais que fazer do que se preocupar com isso ...passem os alunos, melhorem as estatísticas e quem vier a seguir que vá fechando a porta...isto vai ter consequências, não tenho duvida, e não vai tardar grandes anos....

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os CEF são uma alternativa válida?

R4 (CCC):Sou muito revoltada com o que está a acontecer nas nossas escolas...andamos a misturar, sob um modelo esgotado, pontos de partida diferentes que lamentavelmente se irão fundir, pela negativa, dentro em breve. A Lei de Bases, se é lei, ordena uma série de preceitos que nunca foram cumpridos mas, ...o mais preocupante é que estamos-nos a afastar, cada vez mais, da base das bases. Isto é, tanto mais verdade, quando aceitamos que os cursos de educação e formação e o ensino regular como caminhos diferentes, que permitem aprendizagens mínimas idênticas de conclusão, como conhecimentos, do ensino básico. Só será verdade na medida em que cada vez se exige menos aos alunos do ensino regular para os nivelar com os dos CEF, que saem da escola mais bem comportados. A grande maioria dos poucos alunos dos cursos que se propõem a exame de Português e Matemática, para voltarem ao ensino regular, no ensino secundário, não passam do nível um! E os que continuam em cursos profissionais, quando vão aos exames nacionais, para se poderem candidatar à universidade, é o que se sabe....notas miseráveis...quando passam é com dez!!! Os do ensino regular vão passando mas como podem ter nível negativo no exame lá vão passando, mas sempre com notas cada vez mais baixas. Eu defendo que estamos perante uma constatação óbvia: andamos a brincar ao ensino básico e conseqüentemente ao ensino subsequente. O que não tem alicerces, mais cedo ou mais tarde acaba por ruir...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (CCC): De forma nenhuma! Foram meia dúzia de pessoas que resolveram e a Presidente do Conselho Executivo subscreveu. A comunidade não só não estava como continua a não estar interessada no assunto. Alguns até acham ser vantajoso a existência de muitas turmas CEF ... significa, segundo eles, ter melhores turmas de regular, mais refinadas. Os professores desejam sempre ter turmas de meninos que não dão trabalho... os ditos bons alunos que, muitas vezes, são fabricados fora da sala de aula...

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (CCC): Quando andei a tratar de constituir turma recorri aos diretores de turma para darem os nomes dos candidatos...e foi fácil...e hoje para além desta técnica acrescentaram-se outras, embora idênticas, de reunir o número mínimo de alunos para abrir os cursos...

P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R7 (CCC): Penso que já responde. Poderão ser mas terá de ser reinventado o ensino básico. Teremos de operacionalizar políticas sérias e não ficar pelas intenções, que por vezes são boas, de quem legisla.

P8. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R8 (CCC): Nada de especial ou de muito promissor. O facto de concluírem o curso não lhes acrescenta conhecimentos capazes de lhes aumentar as possibilidades de emprego na área da formação...somente mais maturidade decorrente da idade...se calhar se abandonassem a escola mais precocemente teriam maiores probabilidades de engrossarem o número de jovens que enveredam por caminhos menos gratificantes...assim, e dado esta escola se inserir no meio rural, vão acabar por lá na jorna ou em pequenas explorações familiares...é uma zona de vinho em que o trabalho assalariado sazonal vai aparecendo...

P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R9 (CCC): De todo! Poderá até ter efeitos contrários ao desejado...se não estiverem bem formatados, na altura em que vão para as empresas, para fazerem a formação em contexto de trabalho, poderão comprometer a sua imagem que, embora poucas vezes, com a idade acaba por melhorar...estou-me a referir ao empenho e dedicação ao trabalho...

P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R10 (CCC): Na generalidade não. Nesta escola não temos nenhum caso de sucesso, isto é, que tenha conseguido emprego no local de estágio ou por ter concluído o curso numa determinada área de formação. Estamos a falar de miúdos com a escolaridade mínima e só isso! O que aprendem de um determinado ofício ou profissão é insignificante...sabem pouco e têm má fama. Mesmo nós, os professores, quando estamos a falar deles, fazemo-lo de forma pejorativa ... são os do CEF como se não tivessem existência individual e quando acontece algo, menos bom, que se desconhece o causador, o primeiro disparo para os do CEF... e transportamos esta imagem para fora das paredes da escola...

P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ..." Está a ser conseguido?

R11 (CCC): Em minha opinião, e estou convencida que não sou a única a pensar desta forma, estamos a obter, desta forma, a generalização do facilitismo nas escolas, ... a certificar ignorância e a propagar a ideia de uma escola, por onde se passa durante uns anos, ... e a isso chamamos sucesso escolar. Esta política educativa está a ser um veículo facilitador, legitimado e de obediência cega, de confundir sucesso com conclusão de ensino básico. Olhamos para os números desprovidos de um trabalho sério a montante e a jusante ...

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R12 (CCC): Nesta escola? Deve ser os mesmos em todas as escolas se passam, e passam, são excelentes os resultados (risos) ...

P13. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R13 (CCC): Depende...se a opção for o desemprego ou ir para outra escola que não se deseja são uma dádiva (risos). Em condições normais... os professores nunca desejam tamanho castigo...mas a coisa pode mudar. Refiro-me à avaliação dos resultados dos alunos influenciar a avaliação do professor ... se a ordem, embora camuflada, é de passar tudo estamos em vantagem em relação ao regular e há menos trabalho, desde que se tenha resistência para aguentar e jeito para trabalhar comportamentos desajustados. Estou-me a lembrar que quando comecei, eu levava aquilo muito à risca, pensava que tinha de lhes ensinar o que vem nos programas e fui, já no segundo período, a uma reunião convocada pela equipa de apoio as escolas, para os diferentes diretores de curso e de turma, fazerem o ponto de situação. Eu estava muito apreensiva por não lhes

termos ensinado nada até ao momento que fosse para além de regras de saber estar e resolvi dizer. Tínhamos tido uma reunião de equipa pedagógica no dia anterior e eu disse “bem no meu curso só ainda vamos no 1.º ano, a transitar para o 2.º ano e não sei quando vamos chegar ao 3.º ano por isso educação ainda é uma miragem, quanto mais formação!”. O presidente da reunião ficou muito feliz disse que estávamos no bom caminho e que o importante era conseguir mantê-los na escola e que concluíssem o curso. Está tudo dito, não está? Era o representante do Ministério da educação a tratar do sucesso educativo! (risos)

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R14 (CCC): Pois, ... eu sei. Conheço o documento, por ter acesso à pasta do Conselho Geral Transitório...foram eles que elegeram o diretor, e esse é de facto o objetivo central do projeto de intervenção e voltamos ao mesmo. Que insucesso? O que se entende, na prática...na vida diária de uma escola por igualdade de oportunidades? E como se avalia, no final de mandato o cumprimento de um objetivo formulado desta forma? Se está a ser conseguido!?... É muito relativo...temos mais alunos a concluir o ensino básico. Mas também temos mais encarregados de educação a pedir transferência dos seus filhos, após o segundo ciclo, para escolas de referência. Antigamente deixavam os filhos nesta escola até final do terceiro ciclo e depois, alguns, iam para a escola na cidade por existir maior oferta de opções no ensino secundário. Iam também, diziam os encarregados de educação, para estarem mais perto de centros de explicações para preparar os filhos para o ingresso. Agora não, os pais começam a fazer a escolha da escola cada vez mais cedo. Escolas como esta vão passar a ser centros de certificação de ignorância e... é evidente que os pais, os mais esclarecidos, vão ter um trabalho de deslocação dos seus filhos na procura de escolas onde a exigência seja apanágio...

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R15 (CCC): O Projeto Educativo apela a uma escola de qualidade, e de exigência, para assim ser uma oportunidade para todos...e pelo que me é permitido observar está longe de ser essa a prática.... Quanto ao Plano Anual de Atividades é só um plano de ensino regular. É entendimento generalizado que tudo o que diz respeito a CEF, e outras ofertas da mesma linha, não fazem parte nem de documentos nem são assuntos a abordar em

pedagógico...só lá vão os protocolos de estágios e pouco mais...mas como ninguém liga ao assunto são aprovados de cruz.

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R16 (CCC): Não desempenhei cargos nessa área...sou é muito interessada por essas questões. Tenho procurado formação adicional para poder estar mais atualizada e ver a escola pública de forma mais elucidada...

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

R17 (CCC): É o afundar da escola que conhecíamos. A escola terá de se reinventar...a escola não pode ser só isto... está a ser um centro de educação, de tentativa de educação... concordo que a escola tem de se adaptar aos tempos e, da sua missão, também deve fazer parte o educar, mas não se pode demitir de ensinar e preparar para o conhecimento... ser só educado não é, certamente, sinónimo de escolarizado e é o que está a acontecer... caminhamos para uma sociedade de iletrados certificados! Estamos a demorar muito tempo a perceber que isto não é um problema de outros! É um problema social e que nos vai afetar enquanto tal...

Entrevista - Guião V

Destinatário: diretora de curso (AS)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (AS): Há pouco a dizer. Sou professora de matemática. Este está a ser o meu quinto ano de serviço, segundo nesta escola, sou contratada...e está tudo.

P2. É diretora de um Curso Educação e Formação. Fale-nos da experiência.

R2 (AS): Sou... É um curso de dois anos e este é o primeiro. Eu lá vou andando: pergunto a uns e outros, àqueles que julgo saberem mais do que eu...eu sei muito pouco...fiquei muito surpreendida por me darem este cargo....Sou contratada, se calhar para o ano nem cá estou...o curso é dois anos...passado o susto inicial, que foi grande, comecei a ler a legislação, enviaram-me uma pasta com tudo, e aí é que fiquei mesmo aflita, aflita mesmo! O que está legislado e o que se faz, na prática, é muito pouco coincidente e... então comecei mesmo a ficar apreensiva e sem saber como responder às questões do dia-a-dia...Os da casa, os mais velhos, mandam-se não stressar e mandam-me perguntar ao coordenador que vai a pedagógico, mas parece-me que por brincadeira ...o senhor não diz nada e manda-me falar com a direção. Na direção dizem para perguntar ao adjunto e este esquiva-se um bocadinho e diz que depois responde para o e-mail...só que por vezes não o faz e eu acabo por andar sempre com o coração nas mãos, com medo de falhar ...sou contratada...está ver não está!?!...Há uma colega, das mais velhas, que foi diretora quando começaram os cursos que me responde sempre ao que lhe pergunto mas, parece-me que o faz com vontade de ajudar mas... também pensa como eu...há um certo desnorte no que se faz...

P3.O que faz uma diretora de curso?

R3 (AS): Faço mais é... como diretora de turma, o normal: lanço as faltas, preparo as reuniões de avaliação, que também são uma confusão... porque não vou às reuniões com a coordenadora de ciclo, não sei qual a razão, e... o adjunto da direção, que me disseram ser o responsável, promete reuniões mas não as faz, pelo menos com a regularidade que seria desejável. Como diretora de curso, a legislação fala de reuniões de equipa pedagógica, semanais, para preparar as aulas e as formas de atuação, mas estamos em Abril e ainda não fiz nenhuma, tem de ser a direção a convocar.... eu penso que devia ser eu a fazer as convocatórias, ou pelo menos ser eu a dizer quando devem

ser feitas as reuniões, mas não é esse o entendimento da direção, dizem que ...não tenho competência legal para convocar...para aguardar que eles vão decidir formas de atuar uniformizadoras para todas as turmas de CEF e profissional e andamos nisto... Também foram retiradas as horas de direção de curso e passamos a ser das duas coisas com o tempo de diretor de turma e é um desatino total...por isso é rezar para chegar ao fim do ano e logo se vê...

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os CEF são uma alternativa válida?

R4 (AS): Eu lamento, porque se as coisas fossem levadas a sério até podia ser, mas...assim... tenho as minhas dúvidas...para não dizer que tenho a certeza que é impossível. Eu sou professora de matemática, mas aulas de matemática em devia ensinar matemática, ou coisa parecida, mas nem coisa parecida eu ensino! Acha possível sendo eu tanta coisa...e não tenho tempo para falar com eles se não for quando me encontro com eles na sala, nas minhas aulas e que faço!?! Tenho sempre coisas para falar com eles...são tantos e tão difíceis...a lei fala em doze para abrir uma turma, acho eu, e eu tenho vinte e... uns são do ensino especial, com estatuto, os outros andam por lá perto só que não têm estatuto...mas não sei que dizer... no início do ano fui informada pela direção que devia informar os colegas, os que têm o curso, que os critérios gerais de avaliação dos cursos eram diferentes dos outros ... no ensino regular é 20% para o comportamento e atitudes e 80% para as aprendizagens; para estes é 50% para cada. Por isso... logo aqui são diferentes...Eles só precisam de estarem, minimamente, bem comportados para passarem sempre. (risos) eu também tenho turmas de regular e eles andam sempre a dizer que não está certo...que se portam bem e nem por isso têm o três garantido e que lhes dizer!?!...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (AS): Isso... não sei responder, não sou da casa e como contratada estou totalmente à margem. Nas reuniões de departamento só se fala dos outros, do regular, por isso...e como ninguém questiona, nem os mais velhos, eu fico caladinha.

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (AS): A mim só quando pergunto e ...se estou desorientada, continuo

P7. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R7 (AS): Eu vou dizer uma coisa que se calhar não devia mas ...lá vai, não quero deixar de o fazer, já que estou a ter direito a uma manifestação de opinião...já começo a ter

quase tanta dificuldade em dar aulas aos CEF com aos outros...eles conversam uns com os outros, são amigos, alguns são irmãos ou primos, e fazem comparações. Nestas idades o caminho mais fácil é o mais apetecido...não têm idade para mais... e nós que fazemos quando todos pressionam para baixar a exigência...qual era a pergunta? Sucessos equivalentes? Se calhar corremos esse risco, mas pela negativa, ou seja acabam por sair do 9.º ano, a grande maioria, com conhecimentos muito, muito, mas mesmo muito, fraquinhos. Andamos sempre a nivelar por baixo...para chegar a bons professores (risos). Há quem não o admita mas é verdade ...senão quem é questionada sou eu que não consigo chegar ao três... pois é...

P8. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R8 (AS): Aqui na escola, que é de meio rural, é irem para as suas aldeias e ajudarem os pais no campo, ou por aí. Enquanto a família os suportar... depois teremos... um problema de todos nós...

P9. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens, para os jovens, em termos de maiores possibilidades de emprego?

R9 (AS): Não creio...eu não dava emprego a nenhum... estes são de informática e só sabem andar a jogar e alguns nas redes sociais...mas isso... todos sabem sem andarem num curso e penso que nenhum patrão os quer para jogar (risos) ...agora a sério é só dizer que têm um certificado de conclusão de ensino básico e legalmente acabaram a escola e só isso.

P10. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R10 (AS): Concordo que devia ser assim. Eu entendo que a ida para os cursos não devia ser o que está acontecer: vai quem nós queremos que deixe a escola rapidamente, nós todos incluindo o Governo, mas devia ser para alunos que sendo inteligentes, ou não, tivessem apetência para determinadas profissões e teria de ser feito em condições, e com condições, mais tempo nas empresas, para começar ... e envolver as empresas que teriam de ter também contrapartidas e assim, sim ...seria um caminho para a empregabilidade agora desta forma, e desculpe a expressão mas é o que sempre me ocorre quando se fala de CEF, e não sou só eu, parece uma fábrica de encher chouriços de qualidade muito duvidosa...

P11. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

R11 (AS): Eu tenho muito pouca experiência profissional, no entanto, não sou surda nem desatenta, estou convencida que nem os governos levam o assunto muito a sério...estamos na lógica de encher chouriços e só isso importa... aliás parece-me que se está precisamente a fazer um percurso inverso, O normal seria...penso eu...ir melhorando...mas as medidas que se vão tomando nas escolas e se calhar com a conivência do ministério, é quem manda não é!? É precisamente o cortar o que existia: mais tempo para reunir, planificar, discutir o percurso de cada formando, ir junto das empresas com eles e agora!? Temos o mesmo tempo que para os do regular e se para esses é pouco imagine-se para estes, então em que ficamos...Há, não digo uma desorientação de quem manda, mas antes uma orientação, com fins determinados, que é conseguida desta forma que disse... Eu acredito que o Governo, ou lá quem é, sabe o que quer...e esta política foi criada para atingir determinados fins ... aumentar as estatísticas ... melhor as estatísticas para agradar à União Europeia São eles que financiam e nós somos sempre iguais: venha o dinheiro e os resultados são de menor importância ... é uma tristeza ...

P12. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R12 (AS): Estão aferidos por natureza, não é assim!? Se, embora não se diga, ninguém chumba...

P13.Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R13 (AS): O critério deve ser “toma lá que é para aprenderes!” é o quem me parece...ninguém os quer então devem ficar guardados para os novos...turmas bem aceites...a mim tem-me custado muito, muito e acho que deve ser um choque para qualquer um...

P14. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R14 (AS): Essa e a conversa de todas as escolas por onde tenho passado, se bem que eu não conheço o projeto de intervenção, mas...lá vou eu para a mesma conversa... pois se ir embora da escola, com um certificado, é sucesso, ok, então está a ser garantido em todo o país ... as retenções tem baixado muitas ... graças e está técnica tão espetacular!

P15. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R15 (AS): Nunca o consultei. As atividades já estavam pensadas quando fui contratada, acho que ficou feito do final do ano anterior e não são para o CEF.

P16. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R16 (AS): Não é a primeira vez que estou a fazer algo mais do que dar aulas.

P17. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s), futuramente, terá esta política educativa em termos sociais?

R17 (AS): Vamos, vamos ter graves problemas sociais e não vai tardar... Eu que pouco mais velha sou do que eles já tenho dificuldade de me rever nesta escola em que tão pouco se exige. Estes miúdos vão ter graves dificuldades em obedecer e aceitar que é preciso esforço, e trabalho, para se atingir qualquer coisa... e que não podem estar sempre à espera que tudo lhes seja oferecido. Vão ser pais e mães, proximamente,... é de nos pôr a pensar, e agir, ... enquanto é tempo.

Entrevista – Guião VI

Destinatário: Coordenador de Departamento (JSS)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (JSS): Comecei por ser professor de 1.º ciclo do ensino básico, durante vinte anos. Como nunca mais conseguia resolver a minha vida... já estava farto de saltar de escola em escola ... comecei a pensar arranjar uma solução ... estava a começar a aparecer a ideia de vagas para o ensino especial, um quadro próprio, e eu que já tinha muita experiência no assunto fui fazer a especialização e com tantos anos de serviço apanhei logo vaga, quando abriu, nesta escola, há quatro anos, fiquei no quadro como professor de ensino especial...

P2. É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenador de departamento?

R2 (JSS): É. Sou substituto (risos)! Não é bem assim mas quase... Fui nomeado este ano, pelo Diretor, claro, ... não se entenderam, ele e a minha colega que tinha o cargo, dizem, e foi assim que surgiu...

P3. Qual é o papel do coordenador de departamento no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

R3 (JSS): O mesmo que qualquer professor desta escola: propor alunos para essas turmas. Estudar os casos, no meu caso do ensino especial se têm perfil para isso...

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R4 (JSS): São. O que é preciso é que se arranjem maneiras de que cada vez mais miúdos andarem na escola. Para os meus, que são NEE, é ótimo, os mais capazes passam para lá e chegam ao fim dos cursos...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (JSS): Então... cada um sabe os alunos que tem e há que trabalhar para os encaminhar...

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (JSS): A mim não foi dada qualquer orientação, tenho liberdade total para agir ...

P7. Já lecionou nestes cursos? Que lhe apraz dizer sobre essa experiência?

R7 (JSS): Não porque a minha formação não é orientada nesse sentido. O que pode acontecer é, para alguns alunos, fazer pontualmente na sala de aula de algumas disciplinas, se isso for estabelecido no PEI, mas ainda não aconteceu os professores desenrascam-se...até ver ...vão andando.

P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R8 (JSS): Não lhe sei responder.

P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R9 (JSS): Se aprenderem alguma coisa pode ser que tenham mais alguma oportunidade...para os meus... é sempre mais difícil...

P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R10 (JSS): Vejamos: se eles nos estágios profissionais demonstrarem saber alguma coisa da área pode acontecer... embora tenha as minhas dúvidas.... A situação global é muito difícil ...Mas, também o andarem na escola mais tempo, com a garantia de saírem com o 9.º ano, não lhes faz mal nenhum...

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R11 (JSS): Penso que não se pode generalizar. Há cursos que, julgo eu, é impossível aprenderem muito...estão muito tempo na escola e ... esta não tem meio físicos para grandes ensinamentos. Falo dos cursos mais práticos, carpintaria, eletricitas e assim... que... não é possível montar oficinas para um curso e depois que fazer a todo o material ...não temos a garantia de ter sempre alunos para essa formação noutros anos ...agora os cursos de sala de aula, os serviços administrativos e outros do género, não me parece que consigam grande coisa...são alunos com enormes dificuldades de entendimento, não só os de ensino especial mas todos os outros, parece-me que não estou enganado...e depois também já vão para lá sem vontade de fazer alguma coisa ... muito menos aprenderem uma profissão...é o que oiço mas nunca tive essa experiência...as vezes até dizem, os colegas, que os NEE são os melhores, agora imagine-se!

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

R12 (JSS): Voltamos à velha questão. Ninguém sabe o que é sucesso escolar...usa-se o termo com tanta frequência, e com tanta leviandade, que nem sempre estamos a ser

precisos na sua utilização...passou a ser cliché Sucesso e aprendizagem, na forma como estamos a tratar o ensino não são sinónimos, mas deveriam ser, no meu entendimento... senão vão ter muitas dificuldades em encontrar emprego e ...continuar os estudos nem é bom pensar no assunto...não conseguem...não têm hábitos de estudo e de trabalho e esse é certamente o maior problema....só que se os obrigarem a fazer-lo a escola não tem sucesso porque eles põem-se a andar daqui para fora...e lá se vai o sucesso da escola e as metas de Governo. Está a compreender o dilema a que chegamos? Temos que ter sempre em conta que existem vários tipos de sucesso, não lhe parece!?

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R13 (JSS): Penso que não são aferidos, mas o sucesso da escola, que tem a ver com os objetivos do Ministério da Educação, tem de estar sempre salvaguardado, senão somos chamados à pedra ...

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R14 (JSS): De critérios não sei... mas não, não existem. Eu só sou coordenador de departamento este ano, mas já ia ao pedagógico, representar o Ensino Especial, e nunca se falou em tal coisa.

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R15 (JSS): Voltamos à velha questão de saber de que sucesso está a falar, ou neste caso, de que sucesso está a falar o senhor diretor! Se for mais alunos na escola, mais turmas, mais horários para professores está, temos essas turmas o funcionar, então estamos, também, a cumprir as pretensões do ministério da educação, ... que tem nestes cursos bandeira política, e os diretores não podem ter ideias diferentes...têm de se perfilar pois são hierarquicamente inferiores...quanto à igualdade de oportunidades...já nem sei o que responder porque também me parece que existe grande leque de situações todas no mesmo cliché. Neste caso oportunidade de andar na escola vai ser, no futuro, diferente de oportunidades de vida diferentes...

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R16 (JSS): Pensado ... não se nota na leitura ... andam por lá os clichés, que já referi, agora com que intenção ...Mas desde quando é que o que está no PEE tem qualquer

tipo de importância ou é levado a sério? Pergunto eu? Se não é levado a sério por ninguém ... está feito é o que importa. Quem manda as diretrizes continua a ser os de lá de cima e o resto é floreado. Quanto às atividades...eles andam noutra plano (risos) ...

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R17 (JSS): Não desempenhei mas penso que qualquer professor, ou cidadão em geral, tem uma visão do panorama em que se encontra a educação em Portugal. Basta estar atento ou ter filhos em idade escolar. Estamos a viver um período de enorme confusão e de falta de rumo, e não começou com a crise. Precisamos de vontade política de mudar ...aliás a escola é o reflexo de desnorte em que vivemos e sem hipótese de a nível local fazer alguma coisa. Estou-me a lembrar das promessas do 115, e de outro que veio antes, a título experimental só para algumas escolas; as autonomias, os conselhos municipais de educação e mais uma série de coisas...onde ficaram!?

P18. Na sua opinião, enquanto cidadão, que consequência (s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

R18 (JSS): É minha convicção que não se nos avizinha bons tempos. Andamos a protelar a educação, não o tomar conta deles na escola, das crianças e dos jovens. Andamos a engana-los, a faze-los acreditar que este é o melhor caminho, e depois ficamos muito espantados quando ouvimos as notícias ou lemos os jornais...Eles são o resultado do desnorte em que andam os adultos com cargos de responsabilidade...é uma vergonha....

Entrevista - Guião VI

Destinatário: Coordenadora de Departamento (MBF)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (MBF): Sou professora desta casa há vinte e três anos, e nunca conheci outra. Sou daqui do concelho, e moro cá.... Sou do 2.º ciclo, Português e História, e para além de coordenadora de departamento, também já fui coordenadora de ciclo e diretora de turma, como não podia deixar de ser, e fico-me, felizmente, por aqui...

P2. É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de departamento?

R2 (MBF): Não, já vou no segundo mandato. Transitei do outro regime para este... e cá me tenho estado a aguentar, que é mesmo a expressão... já pedi para sair mas o Diretor põe sempre entraves... vou voltar a insistir no final do ano, estão cansada... e também não tenho habilitação, mestrado. O Diretor diz que é ele que decide e andamos nisto...

P3. Qual é o papel da coordenadora de departamento no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

R3 (MBF): Não temos papel! Quando começaram os cursos, andava tudo a nora, ninguém percebia nada de nada do assunto, digo eu. Então ficou decidido que seria um trabalho a levar a cabo por diretores de curso ou por um coordenador, que na altura foi nomeado por estar dentro do assunto fora da escola, e, por decisão do presidente do Conselho Executivo, esses assuntos não eram tratados em departamento. Quem tivesse só turmas de curso ficava até dispensado de ir às minhas reuniões... com este diretor o meu papel continua a ser zero, para falar verdade não percebo nada, mas acho que está mal... mas quem sou eu... os professores dos CEF, e sobretudo os que têm só cursos estão fora da minha alçada...

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R4 (MBF): Eu como já disse não percebo nada do assunto e quero que isso fique bem claro! Limito-me a dar nomes de alunos para irem para lá. No início tínhamos muitos, com muitas retenções no 2.º ciclo, e foi uma forma de limpar a casa e mandar uns quantos mais cedo para casa com um diploma. Agora é mais assim: se virmos que têm muitas dificuldades, que a família precisa deles em casa para trabalhar então não vale a pena estarem a marcar passo. Os encarregados de educação até ficam contentes, às

vezes ficam é preocupados por deixarem de comer de graça, mas tudo bem... sempre trabalham... dos cursos só sei o que me vou apercebendo...Tenho uma colega de departamento, que apesar de só ter novas oportunidades vai sempre às reuniões de departamento e vai-me pondo ao corrente ...e é de esperar que aprendam muito pouco...pelo menos os que eu sinalizo não vão lá ...mas passam que é o que se quer... o ministério é que manda, sem dúvida é patrão!

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (MBF): Eu não faço a menor ideia! Em pedagógico não é certamente porque eu nunca faltei...em departamento também não ...

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (MBF): Pois não sei, se calhar ao coordenador das Novas Oportunidades, em privado, ou a cada diretor de curso, não sei...

P7. Já lecionou nestes cursos? Que lhe apraz dizer sobre essa experiência?

R7 (MBF): Não, nunca. Não temos para a conclusão do 2.º ciclo.

P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R8 (MBF): O sucesso é para todos. Já ninguém fica retido senão temos o problema de estar tudo em cursos, só ainda assim não é por falta de idade senão... havia de ser bonito...Temos alguns que não querem fazer nadinha porque sabem que depois, nos CEF, recuperam num instante, em menos tempo, ele são finos...e não têm idade para perceber mais...

P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R9 (MBF): Ir vivendo um dia a seguir ao outro, como fazem os pais...

P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R10 (MBF): Claro que não.

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R11 (MBF): Respondo com uma pergunta de ignorante que sou: Como, se para os cursos vão os que não sabem nada e querem aprender outro tanto?

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

R12 (MBF): Parece-me que passa tudo, pelo menos o representante, que vai ao pedagógico está sempre de parabéns por ter para dizer: 100% de sucesso!

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R13 (MBF): Obedecer às diretrizes, não!?

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R14 (MBF): Em pedagógico, não. E do Conselho Geral também não.

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R15 (MBF): Pois ... o tal documento que dizem existir e ser muito importante... deve ser tão importante que ninguém o conhece, pelo menos eu, está a ser conseguido em todo o país ao que parece. Enquanto houver dinheiro...

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R16 (MBF): Esta pergunta é daquelas que não se devem fazer (risos) ...A começar pelo próprio documento, que tenho sérias dúvidas que sirva para alguma coisa, até ao que se lá diz ...tudo espremido fica em nada ...é como o sucesso e o insucesso ...está lá de certeza, senão nem ficava bem...

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R17 (MBF): Só desempenhei os cargos que já disse e o que me parece ser verdade é que estamos a atravessar um período de grande debilidade de relações e de aprendizagens, generalizado a todos os graus de ensino, refiro-me a todos até ao fim do secundário.

P18. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

R18 (MBF): Pois quem pode deixar de estar apreensivo, só se andar muito desatento em relação às questões da educação, ou então se for ministro por dar jeito. Apesar de ignorante, em alguns assuntos, não me repugna afirmar que estamos a generalizar a formação CEF, que é o mesmo que dizer, passa tudo sem saber como...as pressões sobre os professores para os resultados positivos dos alunos, e não para as aprendizagens, é muito forte e nós temos que obedece a quem manda na escola e quem manda na escola insinua, sem dizer abertamente, que a sua margem de decisão é cada vez mais pequena e que todos temos a ganhar com o imagem da escola. Agora estou

convencida que vamos ter diferentes tipos de escolas, para diferentes clientes. As melhores serão poucas e farão o papel de escolas de elite, para clientes selecionados socialmente.

Entrevista – Guião VI

Destinatário: Coordenadora de Departamento (YSM)

Aplicação: Abril de 2011

P1. Importa-se de fazer uma breve apresentação da sua experiência profissional?

R1 (YSM): Estou nesta escola há dois anos, ou melhor este é o segundo. Este é o meu décimo ano de trabalho e o primeiro de coordenadora de departamento...fui nomeada no início deste ano letivo porque a outra colega, dizem, pediu para sair ...penso que está tudo...já agora sou professora de biologia e tenho mestrado na mesma área...agora é que está tudo...pelo menos o mais relevante, julgo eu...

P2.É a primeira vez que desempenha o cargo de coordenadora de departamento?

R2 (YSM): Nunca tinha tido a experiência antes e garanto que foi uma surpresa. Sinceramente foi uma surpresa, também para o departamento. Somos muitos e muitos têm muito mais tempo de serviço e estão há mais anos nesta escola, o diretor entendeu assim... e ... pronto ... sinceramente gostava de perceber qual a razão...ok...vamos lá responder as questões; isto não é para cá chamado...

P3. Qual é o papel da coordenadora de departamento no funcionamento dos Cursos Educação e Formação?

R3 (YSM): Como já disse este é o meu primeiro ano de experiência, e há semelhança do que acontecia com a colega anterior, não me é pedido que, nessa matéria, faça nada. Como eu estive na escola, no ano passado, estou a fazer da mesma forma que fazia a colega. Isso é assunto que nós não coordenamos mesmo. Há indicações expressas nesse sentido....o meu departamento tem muitos professores com essas turmas e os que têm só essas turmas nem vêm às reuniões, já nem constam das folhas de presença, para quê... não têm falta ...acho que vão a outras...mas não sei ao certo...

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida?

R4 (YSM): Eu nunca trabalhei com essas turmas, felizmente...nós podemos dar Higiene e Segurança no Trabalho, mas nunca me bateu na porta...não sei como seria...eu gosto de dar aulas, como sinónimo de ensinar, e para essas turmas tem de se ter paciência, e estômago, para os aturar e educar e sei lá mais o quê...como alternativa válida não me parece...agora também é verdade que enquanto estão na escola sempre

aprendem algumas regras, e quando saírem vão pelo menos mais educadinhos à vidinha deles...

P5. De que forma é a comunidade educativa envolvida no processo de seleção de alunos para CEF e é feita a avaliação de resultados obtidos?

R5 (YSM): Não sei mesmo. Eu só tenho turmas de secundário...serão os diretores de turma? No pedagógico não se aborda o assunto...só sabemos que andam a tratar de constituir turmas e é uma informação do Diretor, dada e pronto...registra-se em ata.

P6. São dadas orientações? Como e a quem?

R6 (YSM): Não sei responder.

P7. Já lecionou nestes cursos? Que lhe apraz dizer sobre essa experiência?

R7 (YSM): Não... já disse noutra resposta.

P8. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R8 (YSM): Mal estaremos, Deus meu, nas outras turmas sempre temos alguns que aprendem, ou pelo menos fazem por isso... bem também os há por lá CEF (riso). Estes cursos são uma forma airosa de diminuir o abandono escolar sem o 9.º ano feito. Assim todos o fazem e está a conta arrumada...

P9. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R9 (YSM): Aqui na escola ou em termos gerais? Se bem que...a diferença será pouca...emprego não arranjam... se não há para os mais velhos, e mais habilitados...os das aldeias sempre andam por lá a fazer alguma coisa...vão aos dias, para vinha, e assim... agora nas cidades é um problema ainda maior, tanto adolescente sem nada para fazer. Mas, como estamos a chegar aos primeiros que têm de andar na escola até ao décimo segundo...parece-me que ninguém anda preocupado o que é de preocupar seriamente...vamos ter CEF até ao décimo segundo ano...

P10. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R10 (YSM): Basta a fama que eles têm para afugentar qualquer possível patrão ...a não se que funcione uma valente cunha...agora maiores possibilidades por terem o diploma de CEF não creio que vão ter ...

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R11 (YSM): A não ser que já saibam antes de tirarem o curso...negócio de família ou coisa que o valha e aí o certificado pode servir para legitimar qualquer coisa ...

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que "...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ..." Está a ser conseguido?

R12 (YSM): Está sim. Desde que se tem a possibilidade de canalizar os alunos mais problemáticos para essas turmas o sucesso aumentou, sendo sucesso diminuição de retenções...

P13. Que mecanismos são utilizados para aferir resultados?

R13 (YSM): E é preciso aferir o quê? Se passam muitos ou poucos? Se têm emprego? Ou em última instância se sabem mais alguma coisa no fim do curso? Parece-me que não existe essa preocupação...

P14. Existem critérios estabelecidos para a atribuição destas turmas aos docentes? São turmas bem aceites?

R14 (YSM): A mim ... só me deu o secundário e...não sei se existe algum critério definido, penso que não explicitamente....Embora me pareça que se houver hipótese de escolha não deve ser moeda ao ar...a quem lhe calha não fica nada contente...garantidamente!

P15. O combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, é um dos objetivos do projeto de intervenção do diretor. Está a ser conseguido?

R15 (YSM): Não sabia...mas se estamos a falar de combate ao insucesso da escola, por ter conseguido que menos alunos a abandonem sem o ensino básico, independentemente de tudo o resto, como seja a qualidade das aprendizagens, está no bom caminho; caso contrário não está a conseguir diminuir o insucesso...mas há orientações superiores nesse sentido ...quer dizer para constituir estas turmas e os resultados são divulgados e se ninguém se questiona é por isso deve estar tudo certo....

P16. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R16 (YSM): Não sei se foi pensado tendo em conta esta realidade... pode ter sido decisão pensada. Uma decisão. Não falar lá sobre o assunto, não sei...não é do meu tempo...agora faço parte da equipa que vai apresentar a proposta de novo Projeto Educativo só que ainda não sabemos como vai ser...para já... temos que ir elaborando a proposta...ler relatórios por causa das percentagens e assim...

P17. Já desempenhou cargos de administração? Se sim, essa experiência deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R17 (YSM): Não, não ...

P18. Na sua opinião, enquanto cidadã, que consequência (s) terá, futuramente, esta política educativa em termos sociais?

R18 (YSM): Não sei bem...mas parece-me que vai ter consequências desastrosas futuramente, mais tarde...para já as consequências, sobretudo políticas, são uma maravilha estamos a acabar com um mal de muitos anos, o número de retenções, e fazer com que menos alunos saiam da escola sem a escola básica. Num futuro mais alargado teremos consequências sociais graves é muito facilitismo...

Entrevista – Guião VII

Destinatário: Diretor do Agrupamento (Diretor)

Aplicação: Junho de 2011

P1. Falemos um pouco de si, em termos profissionais: Quantos anos? Esteve noutras experiências de administração ou cargos de gestão intermédia? Razões da candidatura?

R1 (Diretor): Eu sou um profissional com 18 anos e tal de serviço, ao serviço da educação. Comecei como professor do 1.º ciclo, e como gosto de evoluir, não parei. Mais tarde fiz um complemento de formação para professor do 2.º ciclo, na variante de educação física, e passei a ser professor de educação física neste ciclo. Mas... como não gosto de parar e sou adepto de dinâmicas inovadoras, ainda no 1.º ciclo estive, como presidente, à frente de um agrupamento horizontal. Depois com a fusão que se deu... lá aceitei mais um desafio e fui candidato, não no mesmo, como presidente, a um agrupamento vertical ... por razões várias, não levámos o mandato até ao fim. Vim, então, para esta escola, onde sou efetivo. Já aqui, lecionei um ano e... deu-se novamente alteração de legislação, apareceu o concurso para diretor e sabendo de antemão que a presidente do conselho executivo, em exercício, não seria candidata resolvi avançar. Reconheço que gosto de experiências novas e ser diretor não me desagradou. Razões da candidatura!? Não há uma razão mas sim muitas razões. Acho que tem a ver com o meu feitio... gosto de liderar ... também já fui comandante dos bombeiros! ...

P2. A sua experiência enquanto PCE deu-lhe uma visão mais alargada do panorama nacional, em termos de política educativa?

R2 (Diretor): Sim, sim! Tenho estado sempre atualizado nos avanços e mudanças da política educativa. Aliás não pode ser de outra forma. Tenho estado sempre, ou quase sempre, em exercício e em cargos de muita responsabilidade que me obrigam a liderar processos complexos e sempre com as suas nuances...

P3. De acordo com o decreto-lei 75/2008 de 22 de Abril o diretor é o órgão de administração e gestão nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial, sendo o Conselho Geral o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola. Na prática como se processa no que concerne, sobretudo, aos Cursos Educação e Formação?

R3 (Diretor): Bem, eu apesar de ser diretor faço questão de dividir o trabalho com o meu subdiretor e com os dois adjuntos. Somos, por assim dizer, uma equipa de direção.

E essa tarefa está entregue ao adjunto xxx é tudo com ele por isso..., se calhar, será melhor entrevista-lo a ele mas certamente que deve obedecer à legislação que está sempre a chegar à escola. Eu quando me apercebo que se trata desse assunto despacho logo para ele e para os diretores de curso, se for do seu interesse. Aliás, é assim desde o início do mandato, que está a chegar ao fim do segundo ano. Mas... no ano passado tinha uma adjunta, que pediu demissão, e era já esse o procedimento. Só quando há problema é que são chamados para se explicarem. Ou quando é preciso levar qualquer coisa para conhecimento do pedagógico, como por exemplo aprovar algum protocolo de estágio, ou assim, então apresento os documentos para aprovação. Nos finais de período as coordenadoras de ciclo apresentam no pedagógico os relatórios de avaliação, para vermos como vão os anos, em termos de sucesso, para fazer os planos de acompanhamento e recuperação, mas com os CEF, até ver, não tem sido preciso, porque... eles lá vão andando. É uma realidade diferente. É só deixar andar e tudo se resolve!

P4. Em termos de ofertas possíveis, para conclusão do ensino básico, os Cursos Educação e Formação são uma alternativa válida? Como é feita a avaliação de resultados obtidos?

R4 (Diretor): Bom...eu pessoalmente defendo que todas as crianças devem andar na escola, até, pelo menos, concluírem a escola básica, é o mínimo... e não tenho relutância em ter modalidades diferentes na escola. Isto é como na nossa casa ...nem todos os filhos são inteligentes e bem comportados e não temos, por isso... o direito de os por a andar, não é!? Eu sei que ainda existe muito quem ache que a escola deve ser só para os meninos bem comportados, mas temos de aceitar que estamos a viver um novo paradigma de escola e temos o dever de possibilitar igualdade de oportunidades a todos e quem melhor o pode fazer senão a escola!? A avaliação? Dos resultados é feita todos os dias. Eu ando sempre atento, até meto conversa com eles, e o comportamento tem melhorado ...para ser sincero temos, presentemente, mais queixas dos das outras turmas do que destas. Eles até são bons pequenos e o certo é que acabam mesmo o ensino básico e a escola tem melhorado a sua imagem.

P5. Estamos perante diferentes caminhos para sucessos equivalentes?

R5 (Diretor): Bem isso não pode ser visto dessa forma, parece-me... claro que têm todos a possibilidade de sucesso: todos podem chegar ao fim da escola ...agora o sucesso já vai depender da dedicação que cada um dedica a sua aprendizagem. Também os há, no ensino regular, que acabam o 9.º ano a saber muito pouco e ninguém fala do

assunto da forma como se fala dos outros. Quem está à frente das escolas como eu vê certamente com bons olhos estas turmas...é muito mais fácil gerir outras situações as turmas ficam mais equilibradas....

P6. Que futuro augura para estes alunos, após a conclusão de um CEF?

R6 (Diretor): Eu tenho esperança que alguns consigam um empreguito melhor mas só lhe podemos garantir o andar na escola mais uns tempos e...assim alargarem um pouco mais os horizontes. Alguns optam por continuar na escola nos cursos profissionais, que também temos, mas ... até ver ainda temos nenhum na universidade, isso é mais difícil... no CEF aposta-se mais nas melhorias comportamentais do que nos conhecimentos disciplinares...

P7. Sendo estes cursos uma formação com dupla certificação acredita que tem vantagens para os jovens em termos de maiores possibilidades de emprego?

R7 (Diretor): Não é um dado adquirido...nós não temos nenhum empregado por ter concluído o CEF. Temos um que emigrou e foi trabalhar mas porque tinha o pai no estrangeiro e só andava para ter o 9.º ano, ou equivalente, precisava para o patrão do pai o empregar. Bem... vejamos: ter o 9.º ano tem de ter qualquer um para ter emprego, independentemente do meio como o obteve não é? O facto de terem certificado não altera grande coisa... são muito poucas horas, 140 horas, não aprendem grande coisa, não têm grande tempo de aprender...nem a empresa está muito disposta a fazê-lo...não ganham nada por abrir as suas portas a estes miúdos... e as escolas não têm instalações para além das salas de aula e boa vontade e imaginação de alguns professores.

P8. Tem sido prática, no seu mandato, ouvir os diferentes parceiros na escolha das ofertas formativas?

R8 (Diretor): Só estou à frente do agrupamento, como já disse, há dois anos e resolvi apostar em cursos de informática, este ano, o ano passado não abrimos nenhum, por ser consensual. Os alunos aderem bem a estes cursos. E também não podemos esquecer que tenho de otimizar os recursos e tinha professores de informática, contratados, que queria manter...é sempre uma mais-valia para a escola; estão sempre disponíveis para dar uma mãozinha nas questões informáticas ...

P9. Como é feita a seleção de alunos para os Cursos Educação e Formação?

R9 (Diretor): Alguns foram mais ou menos empurrados pelas circunstâncias; a idade a dificuldade em concluírem o 9.º de outra fora, o risco de abandono etc. outros foram de livre vontade. Este ano vai ser mais fácil abrir turmas de CEF. Há mais alunos interessados e os encarregados de educação também já estão mais informados e já

sabem que se os filhos repetirem anos ou tiverem mais dificuldade têm sempre esta opção de chegarem ao fim e não abandonarem sem a escola básica cumprida. Alguns, andam todo o ano a perguntar quando abrem os cursos e mostram-se entusiasmados só que não têm a idade mínima ...a não ser que os pais assinem e alguns assinam...eu até os chamo à escola e falo diretamente com eles ... sempre cedeu mais facilmente ... entendem que é o melhor caminho para os seus filhos...

P10. São dadas orientações? Como e a quem?

R10 (Diretor): Sobretudo aos diretores de turma para estarem atentos aos sinais de retenção ... e quando sabemos que, em tempos foram alunos embora, sem terem o nono ano tentamos contacta-los e já tivemos um ou dois que voltaram e acabaram o curso e ficaram com o 9.º ano mas voltaram para o campo...tivemos uma que voltou mas não teve paciência para vir para a escola todos os dias e acabou por abandonar novamente...

P11. De acordo com o Guia de Orientações do ME, 2005 e 2008, estes cursos são “um meio de obtenção de competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho”. Concorda?

R11 (Diretor): Bem, num caso ou outro...se eles já tiverem alguns conhecimentos anteriores senão será difícil até porque nem os mais habilitados têm emprego...eu sei que estamos a falar de empregos mais práticos mas ...caso contrário ...

P12. No Despacho Conjunto que legisla estes cursos afirma-se que”...implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar ...” Está a ser conseguido?

R12 (Diretor):Se sucesso for conseguir que os jovens concluem o ensino básico não há dúvida que poucos são os que depois de entrarem desistem agora... se for chegarem ao fim e terem emprego então está a meio gás ...

P13. Que orientações são dadas a atribuição destas turmas aos docentes? Há algum critério estabelecido?

R13 (Diretor):Critério, critério não existe. Contratamos os que não temos, sobretudo os especializados quanto aos outros vamos vendo os horários. Temos o cuidado que, se faltarem, esteja logo no início do ano garantido o secundário depois o regular e por fim estes. Por uma razão é que eles têm sempre as aulas, as horas, todas nem que para isso tenhamos que acionar os mecanismos para os trazer à escola para além do final das aulas ou nas interrupções letivas.

P14. São turmas bem aceites?

R14 (Diretor): Os contratados não dizem nada, obviamente, querem é horário; os da casa reclamam, mas de pouco lhes adianta. Mas tenho alguns professores com perfil para aquele tipo de alunos e esses, normalmente, são contemplados.

P15. Qual o critério de designação dos diretores de curso?

R15 (Diretor): Não há critério definido... às vezes temos de olhar para as possibilidades e escolher a melhor...Eu, antes de ser diretor, fui diretor de um curso por decisão, penso eu, da presidente do conselho executivo e o critério não foi o ser professor da componente tecnológica porque eu sou de educação física e o curso era de informática...eu confio no bom senso de quem faz os horários que normalmente são da casa e conhecem a realidade...No fim dou uma vista de olhos e normalmente eu, a fazer o trabalho, faria igual!

P16. Já lecionou nestes cursos, aliás foi diretor de um dos cursos, que lhe apraz dizer sobre a sua experiência no terreno? Enquanto professor as suas opiniões mantêm-se?

R16 (Diretor): Já dei aulas e fui diretor de um curso de um ano, antes de ser diretor, como já disse, e tenho de admitir que é uma experiência que nunca mais se esquece. De início fiquei um bocadinho atormentado. Ainda por cima era a primeira experiência cá na escola. Tinha as duas turmas enquanto professor e de uma delas era três em um: professor diretor de curso e de turma. Foi desgastante. Mais do que a média, ainda eu tinha sorte... porque a educação física sempre podem descomprimir cá fora... passava a maior parte do tempo a conversar para ver a se coisa tomava rumo (risos). Estou-me a recordar de alguns episódios que agora recordados até fazem rir. A minha opinião sobre os cursos é muito conhecedora da realidade e não lhes faz mal nenhum andarem na escola...saem, quanto mais não seja, mais educados...aprenderem é que é o diabo! Não que sejam tolos mas como temos de passar o tempo a ralhar e dar lições de moral ...o tempo passa e os conteúdos ficam muito pela rama...eles também não querem nada com a escola e parece-me que se apertarmos muito com eles se põem a andar...temos que ir gerindo com muito tato ...

P17. O Projeto Educativo está pensado em torno desta nova realidade? E o Plano Anual de Atividades?

R17 (Diretor): O Projeto Educativo não é da minha responsabilidade, aliás já nomeei uma equipa, em pedagógico, para apresentar uma proposta de revisão do documento que está a cumprir, este ano letivo, o seu último ano. É uma equipa de voluntárias, duas, que saiu do pedagógico, são coordenadoras de departamento curricular; uma delas é a última presidente do conselho executivo, tem muita experiência. É claro uma proposta que

depois será analisada por todos, com manda a lei... Isto de gerir uma escola tem que se lhe diga, não é tão fácil como alguns julgam... é preciso, antes de mais, ter sentido de liderança (sorriso), depois saber onde estão as mais-valias, isto é os conhecimentos ... e tal, e ... depois é orquestrar tudo. Aliás esta forma de eu trabalhar é bem visível, no meu mandato, desde o início, quando mantive todos os coordenadores de departamento que já tinham sido votados pelos colegas no tempo do executivo, apesar de eu ter poderes de nomear tudo, assim fui vendo como corriam as coisas e só no final do primeiro ano fiz os primeiros despedimentos (risos). Foi um aparte para perceber... melhor as minhas dinâmicas ... é assim que aparece a antiga presidente do conselho executivo a liderar um documento de existência obrigatória. No fundo não passa disso mesmo... é sempre possível justificar tudo basta que esteja feito de forma bem pensada, quer dizer de forma genérica e estamos sempre protegidos e dentro do cumprimento, não é verdade!? Por exemplo este caso específico dos CEF realmente, se formos ao pormenor, eles lá não estão, não se fala deles em lado nenhum, enquanto tal, mas... quando se fala em redução do abandono escolar e aumento de sucesso, não estamos a falar também, e sobretudo, destes cursos? ... Nos PAA, não é... pois não aparecem estes cursos, nem os cursos profissionais, por razões óbvias ... as atividades que eles fazem são sempre das suas dinâmicas de funcionamento, as atividades fazem sempre parte das aprendizagens, saem muitas vezes da escola, em visitas de estudo, até porque são cursos subsidiados vão sempre de graça, e não são partilhadas com as outras turmas. São turmas diferentes as vezes nos finais de período lá participam nas atividades que estão no PAA, quando os professores os querem levar, mas como têm de sumariar aquelas horas de formação por disciplina, nem sempre os professores se organizam para ao levar. Por vezes ficam chateados mas como sabem que depois vão passear, nas suas visitas de estudos, ou como alguns, professores, lhe chamam: aulas de campo, acabam por aceitar... eles sabem que os colegas andam cá fora de vez em quando e eles estão de vez em quando lá dentro (risos).

P18. O seu projeto de intervenção para o mandato, que está a decorrer, dá ênfase especial, nos objetivos e estratégias, ao combate do insucesso e o abandono escolar no Agrupamento, possibilitando a igualdade de oportunidades a todos, de que modo?

R18 (Diretor): Bem... vamos lá ver com hei - de explicar isto. Eu tenho grande preocupação com a igualdade de oportunidades; somos todos gente... e tenho consciência do concelho onde tenho muita responsabilidade de gestão, por isso, não vou abrir mão de todas as ofertas de novas oportunidade para que todos possam concluir,

pelo menos o ensino básico, e depois entusiasma-los para que avancem para o secundário. Defendo a escola inclusiva, a escola para todos. A escola só faz sentido assim, de todos. Agora não posso, como alguns, ter pretensões de tratar todos da mesma forma... por isso, o importante é que partam mais tarde da escola, com mais ferramentas, neste caso um diploma que poderá fazer toda a diferença, na sua vida futura, ... e se não fizer, não foi por a escola não ter dado mais oportunidades, agora...na vida depois da escola isso já é mais complexo e não podemos interferir. Mas aqui na escola tenho a preocupação de fazer de igual modo a todos o que estejam em igualdade de circunstâncias ...tento operacionalizar as decisões de forma justa e contribua para diminuir situações de desigualdade...

P19. Na sua opinião, enquanto cidadão, que consequência (s), em termos futuros, terá esta política educativa em termos sociais?

R19 (Diretor): Bem isto dá pano para mangas...teremos certamente níveis de escolaridade mais elevados, que melhorarão a imagem do nosso país, e também a auto estima dos jovens, teremos, no entanto, de criar melhores condições nas escolas, não em termos materiais, mas, também, terá de haver mais investimento na formação dos professores, não na formação das áreas de formação inicial, porque o que os professores sabem, sobretudo para o ensino básico em geral, e estas ofertas em especial, é mais do que suficiente, mas em áreas comportamentais, nas psicologias, nas relações humanas. A escola tem de ser mais completa. Pede-se muito aos professores e depois não se lhes dá a formação adequada. Muitos estão com serias dificuldades em trabalhar com os jovens...A formação creditada também tem de ser pensada...eu sei que me estou a afastar da pergunta, mas está tudo interligado. Se não dissermos estas coisas, de forma séria, andamos todos enganados. Se a escola não ensinar muito a estes jovens, refiro-me aos conhecimentos disciplinares, que ao menos os ajudem a educar para serem melhores cidadãos e não termos a sensação de que os aturamos, eles têm essa consciência, e eles... deixem de deixar passar o tempo para levarem o papel...

APÊNDICE III - Processo de redução de dados

--

Categoria I: A operacionalização dos CEF na escola

Quadro 1 - Subcategoria: razões da emergência dos CEF na escola

Unidade de contexto
R4 (IPE): «...não podem ser encontradas, exclusivamente, no seio da organização, mas sim, e em grande parte, no Ministério da Educação, enquanto entidade responsável pela criação e implementação de políticas educativas em Portugal, deixando aos atores locais uma insignificante margem de manobra. Fui retardando o tempo que consegui por não estar interessada nesse tipo de turmas... são sempre problemáticas e por estar contra este tipo de formação... Quem decide é quem manda e... quem mandava não era eu, nem ninguém da escola... fazemos de conta que mandamos...»
R18 (Diretor): «Tenho grande preocupação com a igualdade de oportunidades; somos todos gente... e tenho consciência do concelho onde tenho muita responsabilidade de gestão, por isso, não vou abrir mão de todas as ofertas de novas oportunidade para que todos possam concluir, pelo menos o ensino básico, e depois entusiasamá-los para que avancem para o secundário... A escola só faz sentido assim, de todos... o importante é que partam mais tarde da escola, com mais ferramentas... tenho a preocupação de fazer de igual modo a todos o que estejam em igualdade de circunstâncias»

Quadro 2 - Subcategoria: a construção da oferta

Unidade de contexto
R8 (Diretor): «... resolvi apostar em cursos de informática... não podemos esquecer que tenho de otimizar os recursos e tinha professores de informática, contratados, que queria manter... é sempre uma mais-valia para a escola; estão sempre disponíveis para dar uma mãozinha nas questões informáticas ...»
R5 (IPE): «...necessidade de contratar pessoal docente ou por fim a alguns horários zero. Aliás a escolha dos cursos já teve presente essa pretensão; não perder alguns professores do quadro de escola que dadas as suas áreas de formação estavam em risco.»
R6 (IPE): «Bem...legalmente ouvimos os alunos e os pais, mas... a decisão foi nossa, do Conselho Executivo. O assunto foi levado ao Conselho Pedagógico mas já foi levada a proposta devidamente fundamentada... Toda a gente sabe ... é sempre assim... embora fosse necessário, acho eu, ter o parecer das empresas da região mas... isso consegue-se sempre ... não têm nada a perder e não têm de dar emprego a nenhum. Toda a gente votou a favor.»

Quadro 3 - Subcategoria: processos de seleção de alunos

Unidade de contexto
R9 (Diretor): «Alguns foram mais ou menos empurrados pelas circunstâncias: a idade e a dificuldade em concluírem o 9.º de outra forma, o risco de abandono etc. ...outros foram de livre vontade...»
R5 (IPE) «...os coordenadores de ciclo e departamento foram envolvidos para fazerem a listagem dos alunos que tinham idade... dois ou três foram buscá-los a casa»
R5 (JF): «Que eu tenha conhecimento ninguém é propriamente envolvido ...cada um vai mandando, sempre que pode, alguns para os CEF»
R5 (ATC): «Não faço ideia. Em pedagógico não se passa nada... o representante das novas ofertas educativas limita-se a dizer que está tudo bem e sempre a andar... no final do 2.º período pediu [o diretor], especialmente, aos coordenadores do 2.º e 3.º ciclos para avisarem os diretores de turma para sinalizarem os alunos para se formarem as turmas de CEF»
R5 (AS): «... não sou da casa e como contratada estou totalmente à margem. Nas reuniões de departamento só se fala dos outros, do regular, por isso...e como ninguém questiona, nem os mais velhos, eu fico caladinha.»
R5 (CCC): «De forma nenhuma! Foram meia dúzia de pessoas que resolveram e a Presidente do Conselho Executivo subscreveu. A comunidade não só não estava como continua a não estar interessada no assunto. Alguns até acham ser vantajoso a existência de muitas turmas CEF ... significa, segundo eles, ter melhores turmas de regular, mais refinadas.»
R5 (JSS): «Então...cada um sabe os alunos que tem e há que trabalhar para os encaminhar...»
R5 (YSM): «... No pedagógico não se aborda o assunto...só sabemos que andam a tratar de constituir turmas e é uma informação do Diretor, dada e pronto...registra-se em ata.»
R5 (MBF): «Eu não faço a menor ideia! Em pedagógico não é certamente porque eu nunca faltei...em departamento também não ...»
R7 (IPE): «As turmas foram constituídas por tudo o que apareceu. Resultaram, basicamente, da limpeza das turmas normais. Os diretores das turmas apontaram os nomes e depois seguiu-se o processo de inscrição. Sabe que dizer aos pais que o filho vai avançar e que vai conseguir acabar a escola obrigatória antes dos outros, os ditos normais...é obra! Até ficam convencidos que os filhos foram premiados pela escola por serem bons rapazes. Teve, bem vistas as coisas, o mérito de limpar as turmas do regular. Nem tudo é mau...»

Quadro 4 - Subcategoria: A construção da equipa docente

Unidade de contexto
R13 (Diretor): «Critério, critério não existe. Contratamos os que não temos, sobretudo os especializados quanto aos outros vamos vendo os horários. Temos o cuidado que, se faltarem, estejam, logo no início do ano, garantidos do secundário depois o regular e por fim estes...»
R14 (Diretor): «Os contratados não dizem nada, obviamente, querem é horário; os da casa reclamam mas de pouco lhes adianta... alguns professores com perfil para aquele tipo de alunos e esses, normalmente, são contemplados.»
R8 (IPE): «...alguns já sabiam o que os esperava...mas do mal... o menos; pelo menos tinham horário para mais algum tempo... o critério foi... ir enchendo os horários mas reconheço que alguns foram poupados para as turmas normais, como sabe os pais só reclamam, os que reclamam, no prosseguimento de estudos e sobretudo no ensino secundário... é luta das notas para o ingresso.»
R14 (JF): «Não sei, o Sr. Diretor não se confessa e o certo é que de vez em quando parece mesmo castigo.»
R13 (ATC): «Não sei como são atribuídas...em pedagógico nada é dito, só sei que os colegas, eu nunca tive, alguns só lhes falta chorar.»
R13 (AS): «O critério deve ser “toma lá que é para aprenderes!” é o que me parece...ninguém os quer então devem ficar guardados para os novos...turmas bem aceites...a mim tem-me custado muito, muito e acho que deve ser um choque para qualquer um...»
R13 (CCC): «Depende...se a opção for o desemprego ou ir para outra escola que não se deseja são uma dádiva... Em condições normais... os professores nunca desejam tamanho castigo...»
R14 (JSS): «...sou coordenador de departamento este ano, mas já ia ao pedagógico, representar o Ensino Especial, e nunca se falou em tal coisa.
R14 (YSM): penso que não explicitamente...embora me pareça que se houver hipótese de escolha não deve ser moeda ao ar...a quem lhe calha não fica nada contente...garantidamente!»
R16 (Diretor): «...tenho de admitir que é uma experiência que nunca mais se esquece. De início fiquei um bocadinho atormentado. Ainda por cima era a primeira experiência cá na escola... Foi desgastante. Mais do que a média, ainda eu tinha sorte... porque a educação física sempre podem descomprimir cá fora... passava a maior parte do tempo a conversar para ver a se coisa tomava rumo... não querem nada com a escola e parece-me que se apertarmos muito com eles se põem a andar...temos que ir gerindo com muito tato»
R16 (IPE): «Quem está no terreno só não verbaliza o que vê por conveniência é preciso agradar e ter trabalho por isso... meia bola e força»
R7 (JF): «...até me custa dizer que fui professora porque (...) não consegui que aprendessem uma palavra... não saíam do lugar quando lhes dava na cabeça... estavam calados e passavam tudo para o caderno»

R7 (JSS): «Não porque a minha formação não é orientada nesse sentido. O que pode acontecer é, para alguns alunos, fazer pontualmente na sala de aula de algumas disciplinas, se isso for estabelecido no PEI, mas ainda não aconteceu os professores desenrascam-se...vão andando.»

Quadro 5 - Subcategoria: O papel do diretor de curso

Unidade de contexto
R2 (AS): «fiquei muito surpreendida por me darem este cargo...sou contratada, se calhar para o ano nem cá estou...o curso é dois anos...passado o susto inicial, que foi grande, comecei a ler a legislação, enviaram-me uma pasta com tudo, e aí é que fiquei mesmo aflita, aflita mesmo! O que está legislado e o que se faz, na prática, é muito pouco coincidente e... então comecei mesmo a ficar apreensiva e sem saber como responder às questões do dia a dia... Os da casa, o mais velhos, mandam-se não stressar e mandam-me perguntar ao coordenador que vai a pedagógico, mas parece-me que por brincadeira ...o senhor não diz nada e manda-me falar com a direção. Na direção dizem para perguntar ao adjunto e este esquiva-se um bocadinho e diz que depois responde para o e-mail...só que por vezes não o faz e eu acabo por andar sempre com o coração nas mãos, com medo de falhar ...sou contratada...está ver não está!?... Há um certo desnorte no que se faz...»
R2 (CCC): «... no início nem queria acreditar no que me estava a acontecer...era tudo muito estranho... tê-los sentados, conseguir isso, era uma vitória e uma aula dada... É que sendo o primeiro ano... se a coisa não corresse bem as empresas fechariam as suas portas e depois que fazer!? Num meio muito pequeno... os alunos, sobretudo estes, são das aldeias e dependem dos transportes escolares e temos de nos cingir aos estágios nas redondezas da escola... É que as escolas têm de se desenrascar e apresentar resultados.»
R3 (AS): «...a legislação fala de reuniões de equipa pedagógica, semanais, para preparar as aulas e as formas de atuação, mas estamos em Abril e ainda não fiz nenhuma, tem de ser a direção a convocar... eu penso que devia ser eu a fazer as convocatórias, ou pelo menos ser eu a dizer quando devem ser feitas as reuniões, mas não é esse o entendimento da direção, dizem que ...não tenho competência legal para convocar...para aguardar que eles vão decidir formas de atuar uniformizadoras para todas as turmas de CEF e profissional e andamos nisto... Faço mais é... como diretora de turma, o normal: lanço as faltas, preparo as reuniões de avaliação...»
R3 (CCC): «No ano em que começamos fazíamos muita coisa. Fazíamos sobretudo documentos, isto é, impressos de registo. Não havia nada e o programa alunos não era adequado, então passei o ano a tratar, sobretudo, da parte burocrática...era eu que preparava previamente os documentos...por vezes não batia certo à primeira ...era tudo feito por tentativas e reformulado de acordo com o que se tinha de apresentar...mas...isso nunca foi problema...é um assunto que ninguém liga. Basta ver que estes cursos, ainda hoje, não estão contidos nos documentos da escola ...a lei aponta uma série de atribuições para os diretores de curso só que isso acaba por não acontecer. Nem a escola nem o Governo leva o assunto a sério. Inicialmente era

obrigatório que a equipa pedagógica reunisse uma vez por semana para discutir estratégia de atuação, são alunos muito difíceis, só que isso gradualmente foi desaparecendo. Já não se reúne ...este ano ainda reunimos menos do que os do ensino regular...e quando reunimos é para receber, de boca calada, orientações, do adjunto do diretor que na grande maioria das situações são contrárias ao legislado.»

Quadro 6 – Subcategoria: Os normativos e as práticas

Unidade de contexto
R3 (Diretor): «...quando me apercebo que se trata desse assunto despacho logo para ele [adjunto do diretor] e para os diretores de curso...»
R10 (Diretor): «Sobretudo aos diretores de turma para estarem atentos aos sinais de retenção»
R6 (JF): «...a prática tem sido socorrerem-se de quem pode valer, melhor, para determinada situação... Não há, parece-me, um fio condutor de atuação...temos um representante para as novas oportunidades no pedagógico mas durante todo o ano nunca o ouvi dizer mais nada a propósito do assunto que não seja nos inícios de período... dizer: “está tudo bem! Não há níveis negativos nem problemas dignos de registo!”»
R6 (ATC): «... aquilo é muito à margem de tudo o que funciona na escola. Dizem ser uma dinâmica muito própria...No início do ano estava um aviso na sala dos professores, assinado pelo senhor diretor, a dizer que todos os materiais dos CEF e cursos profissionais devia ser entregue, no final do ano letivo, pelos diretores de curso na direção. O resto... não sabemos, eu pelo menos não sei, como se processa.»
R6 (AS): «A mim só quando pergunto e ...se estou desorientada, continuo»
R6 (CCC): «Quando andei a tratar de constituir turma recorri aos diretores de turma para darem os nomes dos candidatos...»
R6 (JSS): «A mim não foi dada qualquer orientação, tenho liberdade total para agir ...»
R6 (MBF): «Pois não sei, se calhar ao coordenador das Novas Oportunidades, em privado, ou a cada diretor de curso, não sei...»
R17 (Diretor): «O Projeto Educativo não é da minha responsabilidade... está a cumprir, este ano letivo, o seu último ano... é sempre possível justificar tudo basta que esteja feito de forma bem pensada, quer dizer de forma genérica e estamos sempre protegidos e dentro do cumprimento... este caso específico dos CEF realmente se formos ao pormenor eles lá não estão, não se fala deles em lado nenhum, enquanto tal, mas... quando se fala em redução do abandono escolar e aumento de sucesso, não estamos a falar também, e sobretudo, destes cursos?... as atividades que eles fazem são sempre das suas dinâmicas de funcionamento, as atividades fazem sempre parte das aprendizagens, saem muitas vezes da escola, em visitas de estudo, até porque são cursos subsidiados vão sempre de graça, e não são partilhadas com as outras turmas...»
R17 (IPE): «Não estava pensado para esta modalidade de formação. Pretendia-se diminuir o abandono e insucesso escolar, trazer mais alunos à escola e que a mesma fosse uma escolha para famílias que pretendem, sobretudo, que os seus filhos

<p>frequentem escola para serem ensinados e não para cumprirem anos de escola para ficarem com um certificado... tinha um lema: por uma escola de qualidade!»</p>
<p>R16 (JF): «...é como se não existissem. São, usando as palavras do Sr. Director “uma dinâmica à parte”»</p>
<p>R15 (ATC): «...não lhe é dedicada uma única linha...sucesso e insucesso sim mas não existe nos CEF, existe antes de serem CEF por isso...»</p>
<p>R15 (CCC): «O Projeto Educativo apela a uma escola de qualidade, e de exigência, para assim ser uma oportunidade para todos...e pelo que me é permitido observar está longe de ser essa a prática...Plano Anual de Atividades é só um plano de ensino regular... É entendimento generalizado que tudo o que diz respeito a CEF ...não fazem parte nem de documentos nem são assuntos a abordar em pedagógico»</p>
<p>R16 (JSS): «Pensado ... não se nota na leitura ... anda por lá os clichés...quanto às atividades...eles andam noutra plano...»</p>
<p>R16 (YSM): «Não sei se foi pensado tendo em conta esta realidade... pode ter sido decisão pensada. Uma decisão. Não falar lá sobre o assunto, não sei...não é do meu tempo...»</p>

Categoria II: Os Cursos Educação e Formação - uma Política educativa

Quadro 7 – Subcategoria: O CEF como alternativa de conclusão do ensino básico

Unidade de contexto
R5 (Diretor): «Também os há, no ensino regular, que acabam o 9.º ano a saber muito pouco e ninguém fala do assunto da forma como se fala dos outros. Quem está à frente das escolas como eu vê certamente com bons olhos estas turmas...é muito mais fácil gerir outras situações as turmas ficam mais equilibradas....»
R11 (IPE): «Estamos em caminhos diferentes para continuar a manter diferente o que é desigual: as oportunidades de sucesso... não temos na escola nenhum aluno que tenha, depois da conclusão do CEF, passado nos exames nacionais para voltar ao ensino regular... por alguma coisa será...»
R4 (JF): «Nunca serão. O CEF nunca o foi! Mas, a outra, a dita normal, também não o está o ser. Para o ser terá de ser redefinido o que se pretende que seja o ensino básico neste País»
R4 (ATC): «São alunos que só andam na escola para chatear os professores e estragarem as turmas, durante anos a fio, assim sempre vão embora mais cedo e ficam todos juntos. Para nós é mais fácil.»
R4 (AS): «...e as coisas fossem levadas a sério até podia ser... no início do ano fui informada pela direção que devia informar os colegas, os que têm o curso, que os critérios gerais de avaliação dos cursos eram diferentes dos outros ... no ensino regular é 20% para o comportamento e atitudes e 80% para as aprendizagens; para estes é 50% para cada... eles basta estarem, minimamente, bem comportados para passarem sempre... tenho turmas de regular e eles andam sempre a dizer que não está certo...que se portam bem e nem por isso têm o três garantido.»
R4 (CCC): «...andamos a misturar, sob um modelo esgotado, pontos de partida diferentes que lamentavelmente se irão fundir, pela negativa, dentro em breve... estamos-nos a afastar, cada vez mais, da base das bases... Só será verdade na medida em que cada vez se exige menos aos alunos do ensino regular para os nivelar com os dos CEF, que saem da escola mais bem comportados... andamos a brincar ao ensino básico e conseqüentemente ao ensino subsequente. O que não tem alicerces, mais cedo ou mais tarde acaba por ruir»
R4 (JSS): «São. O que é preciso é que se arranjem maneiras de que cada vez mais miúdos andarem na escola. Para os meus, que são NEE, é ótimo, os mais capazes passam para lá e chegam ao fim dos cursos...»
R4 (YSM): «Como alternativa válida não me parece...agora também é verdade que enquanto estão na escola sempre aprendem algumas regras, e quando saírem vão pelo menos mais educadinhos à vidinha dele»
R4 (MBF): «...é de esperar que aprendam muito pouco...pelo menos os que eu sinalizo não vão lá ...mas passam que é o que se quer... o que se quer»
R8 (JF): «Temo bem que sim... por este andar... os normais também chegam a CEF. Então a fama propaga-se e a lei do menor esforço está a vencer...»

Quadro 8 – Subcategoria: CEF - um caminho facilitador de empregabilidade

Unidade de contexto
R7 (Diretor): «Não é um dado adquirido... nós não temos nenhum empregado por ter concluído o CEF... O facto de terem certificado não altera, grande coisa,... não aprendem grande coisa»
R13 (IPE): «sinceramente não. Eles no último ano têm umas horas de formação em contexto de trabalho, normalmente por aqui perto, e nenhum conseguiu ficar a trabalhar para além do estágio... eles mal sabem ler e escrever... As empresas aceitam-nos por saberem que são só uns dias, não têm nada pagar e a escola faz o seu trabalho de casa: os mais problemáticos e que inspiram menos confiança fazem o seu estágio na escola, andam por lá com os assistentes operacionais...»
R11 (JF): «... o mundo do trabalho... quer gente que trabalhe, que saiba fazer coisas ...se fosse empregadora o facto de ter sido CEF era logo carta fora do baralho... estamos a falar de miúdos que mal sabem ler!»
R10 (ATC): «Não, só pode ser considerado, honestamente, um meio de dar certificados de 9.ºano, a quem, de outra forma, nunca o conseguiria... a não ser que fosse pelo cansaço de os ter nas turmas.»
R9 (AS): «não creio... eu não dava emprego a nenhum é só dizer que têm um certificado de conclusão de ensino básico e legalmente acabaram a escola e só isso.»
R10 (AS): «desta forma (...) parece uma fábrica de encher chouriços de qualidade muito duvidosa...»
R9 (CCC): «poderá até ter efeitos contrários ao desejado... se não estiverem bem formatados, na altura em que vão para as empresas, para fazerem a formação em contexto de trabalho»
R10 (CCC): «não temos nenhum caso de sucesso... estamos a falar de miúdos com a escolaridade mínima e só isso! O que aprendem de um determinado ofício ou profissão é insignificante...sabem pouco e têm má fama... e transportamos esta imagem para fora das paredes da escola... » R10 (CCC): «não temos nenhum caso de sucesso... estamos a falar de miúdos com a escolaridade mínima e só isso! O que aprendem, de um determinado ofício ou profissão é insignificante...sabem pouco e têm má fama... e transportamos esta imagem para fora das paredes da escola...»
R11 (JSS): «são alunos com enormes dificuldades de entendimento, não só os de ensino especial mas todos os outros... já vão para lá sem vontade de fazer alguma coisa ... muito menos aprenderem uma profissão... as vezes até dizem, os colegas, que os NEE são os melhores»
R10 (YSM): «Basta a fama que eles têm para afugentar qualquer possível patrão ...a não se que funcione uma valente cunha... agora maiores possibilidades por terem o diploma de CEF não creio que vão ter»
R11 (YSM): «A não ser que já saibam antes de tirarem o curso...negócio de família ou coisa que o valha e aí o certificado pode servir para legitimar qualquer coisa»
R11 (MBF): «Como, se para os cursos vão os que não sabem nada e querem aprender

outro tanto?»

JF (R:9) Vão para a vinha e se alguém os quiser na altura... com a escola de nada fazer que levam...só que a necessidade vai obrigar a ter que trabalhar e alguns terão trabalho na vinha, aqueles que quando estão em casa os pais têm o bom senso de os por a trabalhar para aprenderem alguma coisa...é que temo em termos sociais

Quadro 9 – Subcategoria: CEF – a promoção do sucesso escolar como prioridade

Unidade de contexto
R5 (Diretor): «Claro que têm todos a possibilidade de sucesso: todos podem chegar ao fim da escola ...»
R12 (Diretor): «Se sucesso for conseguir que os jovens concluam o ensino básico não há dúvida que poucos são os que depois de entrarem desistem agora... se for chegarem ao fim e terem emprego então está a meio gás ...»
R15 (IPE): «No início ser CEF, para todos os outros alunos, era sinal de ser refugo. Agora em todas as turmas do regular a grande maioria quer ir para o CEF. Nem se importam de reprovar porque depois no CEF, segundo eles, avançam, não têm de estudar e fartam-se de andar cá fora e de passear.»
R12 (JF): «sucesso absoluto é só quatro e cinco! Um três é nível raro naquelas pautas ... não é preciso a promoção do sucesso escolar, refiro-me ao sucesso de cada aluno: é automático, basta aderir no ato de matrícula... está-se a garantir a redução do abandono da escola, que é de facto uma realidade, à custa da propagação da ignorância.»
R11 (ATC): «Sucesso como!? Acabarem e em menos tempo!? Logicamente que sim, na perfeição. Então desde que passam para lá, não reprovam mais, não é preciso planos de acompanhamento nem de recuperação, têm notas excelentes (...) é um aparelho, do ministério da educação, bem montado e ...estão pouco preocupados com a realidade...os fins é que lhes interessa é um sucesso fantástico»
R11 (AS): «...nem os governos levam o assunto muito a sério»
R11 (CCC): «Estamos a obter, desta forma, a generalização do facilitismo nas escolas, ... a certificar ignorância e a propagar a ideia de uma escola, por onde se passa durante uns anos, ... e a isso chamamos sucesso escolar...»
R12 (JSS): «...usa-se o termo com tanta frequência, e com tanta leviandade, que nem sempre estamos a ser precisos na sua utilização...passou a ser cliché... Sucesso e aprendizagem, na forma como estamos a tratar o ensino não são sinónimos, mas deveriam ser»
R12 (YSM): «...desde que se tem a possibilidade de canalizar os alunos mais problemáticos para essas turmas o sucesso aumentou, sendo sucesso diminuição de retenções»
R12 (MBF): «Parece-me que passa tudo, pelo menos o representante, que vai ao pedagógico está sempre de parabéns por ter para dizer: 100% de sucesso!»

Quadro 10 - Subcategoria: Objetivos dos CEF (constantes do discurso oficial)

Unidade de contexto
R8 (AS): «Enquanto a família os suportar... depois teremos... um problema de todos nós...»
R9 (YSM): «...emprego não arranjam... se não há para os mais velhos, e mais habilitados... Mas, como estamos a chegar aos primeiros que têm de andar na escola até ao décimo segundo... parece-me que ninguém anda preocupado o que é de preocupar seriamente... vamos ter CEF até ao décimo segundo ano...»
R9 (MBF): «Ir vivendo um dia a seguir ao outro, como fazem os pais...»
R19 (Diretor): «Teremos certamente níveis de escolaridade mais elevados, que melhorarão a imagem do nosso país.
R15 (IPE): «Não há-de tardar muito tempo, se não se tomarem medias sérias, e as escolas têm de dar rebuçados aos miúdos para ter turmas de ensino regular... ou então continuamos a baixar os níveis de exigência, para que eles permaneçam.»
R11 (CCC): «Esta política educativa está a ser um veículo facilitador, legitimado e de obediência cega, de confundir sucesso com conclusão de ensino básico. Olhamos para os números desprovidos de um trabalho sério a montante e a jusante ...»
R17 (AS): «Estes miúdos vão ter graves dificuldades em obedecer e aceitar que é preciso esforço, e trabalho, para se atingir qualquer coisa... é de nos pôr a pensar, e agir, ... enquanto é tempo.»
R18 (YSM): «...parece-me que vai ter consequências desastrosas futuramente... é muito facilitismo... para já as consequências, sobretudo políticas, são uma maravilha estamos a acabar com um mal, de muitos anos, o número de retenções, e fazer com que menos alunos saiam da escola sem a escola básica»
R18 (MBF): «Estamos a generalizar a formação CEF, que é o mesmo que dizer, passa tudo sem saber como... as pressões sobre os professores para os resultados positivos dos alunos, e não para as aprendizagens, é muito forte... vamos ter diferentes tipos de escolas, para diferentes clientes. As melhores serão poucas e farão o papel de escolas de elite, para clientes selecionados socialmente.»
R19 (IPE): «...vamos ter gerações mais analfabetas, embora com mais anos de permanência na escola. Está a acontecer um efeito de contaminação, pela facilidade (...) estamos a retardar os hábitos de trabalho dos alunos que nem ajudam as famílias nem trabalham nas escolas... estamos a enganar toda uma geração e vamos colher os resultados...»
R17 (JSS): «... andamos a protelar a educação, não o tomar conta deles na escola... andamos a engana-los, a faze-los acreditar que este é o melhor caminho... eles são o resultado do desnorte em que andam os adultos com cargos de responsabilidade...»
R18 (JF): «Os resultados estão à vista. A sabedoria é cada vez menor e cada vez menos temos forma de os motivar para a aprendizagem. Os jovens estão num beco sem saída... Prometemos tudo e só lhes garantimos facilidades, enquanto brincamos às escolas, depois limpamos as mãos...é lamentável»

R12 (ATC): «Nas escolas o sistema está obedecido. Em termos de imagem, no imediato, estamos muito melhor, no futuro vamos ser uma cambada de ignorantes»

R13 (JF): «...o que parece andar à deriva está perfeitamente controlado e tem intenções bem definidas...nós, com os outros a que andamos a brincar ao faz de conta...»

Categoria III: Experiência profissional dos docentes que trabalham com os CEF

Quadro 11 – Subcategoria: no desempenho de cargos de gestão

Unidade de contexto
IPE (R1): «para além do um bichinho que me vinha a acompanhar, há muito tempo, de experimentar juntou-se a alteração da legislação, em que acreditei e dei o salto no escuro...Falava-se em autonomia da administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação...dos agrupamentos, parecia-me tudo propício para que a escola se encontrasse e conseguisse o cumprimento do seu dever na formação da sociedade... Sempre tive curiosidade de perceber como era estar no comando de uma escola e estava convencida que muito do trabalho, e tempo gasto, era trabalho demasiadamente burocrático e de cumprimento de ordens, melhor dizendo de legislação e mais legislação, que, em meu entender, podia ser evitado e canalizado para coisas mais úteis e, como já disse, o aparecimento do 115, que me parecia trazer alguma mudança no sistema de ensino»
Diretor (R1): «Comecei como professor do 1.º ciclo, e como gosto de evoluir, não parei.... como não gosto de parar e sou adepto de dinâmicas inovadoras, ainda no 1.º ciclo estive, como presidente, à frente de um agrupamento horizontal.... fui candidato, não no mesmo, como presidente, a um agrupamento vertical ... por razões várias, não levámos o mandato até ao fim.... e... deu-se novamente alteração de legislação, apareceu o concurso para diretor resolvi avançar. Reconheço que gosto de experiências novas e ser director não me desagradou. Razões da candidatura!? Não há uma razão mas sim muitas razões ...acho que tem a ver com o meu feitio... gosto de liderar ... também já fui comandante dos bombeiros! ...»
CCC (R1): «Estou nesta escola, com professora de quadro há 16 anos. Tenho feito de tudo um pouco, sobretudo quando o trabalho não contava para a progressão na carreira eu saía sempre na rifa...fui coordenadora de departamento, de ciclo, de exames nacionais, de provas globais, e por aí fora...fui também presidente da Assembleia de Escola até a mudança de legislação...saí com o executivo.»
CCC (R2): «Falar dessa experiência...nem sei como começar...nem o que dizer...foi um ano de muito trabalho tudo era novidade e eu tinha uma certa esperança...achava eu que se se comesse bem, isto é, com regras bem definidas e com critérios bem definidos podíamos fazer ... um trabalho válido de formação.... eu fui convidada a liderar, em conjunto com outro colega, o processo. Eu ia ficar sem turmas, no próximo ano, e claro que agarrei a oportunidade com unhas e dentes»
JF (R1): «Sou professora de línguas, no 3.º ciclo e secundário, tenho vinte anos de serviço, estou nesta escola há catorze... para além da componente letiva...estive vários anos, numa escola só de 3.º ciclo, num conselho executivo era responsável pelo SASE e pelos transportes escolares, passei, foi mesmo passar (risos), nesta direção pelo cargo de adjunta e... é o mais relevante...»
JSS (R1): «Comecei por ser professor de 1.ºciclo do ensino básico, durante vinte anos.

Como nunca mais conseguia resolver a minha vida...já estava farto de saltar de escola em escola ... comecei a pensar arranjar uma solução ... estava a começar a aparecer a ideia de vagas para o ensino especial, um quadro próprio, e eu que já tinha muita experiência no assunto fui fazer a especialização e com tantos anos de serviço apanhei logo vaga»

R1 (YSM): «Estou nesta escola há dois anos, ou melhor este é o segundo. Este é o meu décimo ano de trabalho e o primeiro de coordenadora de departamento...»

Quadro 12 – Subcategoria: no desempenho de funções docentes

Unidade de contexto
R13 (Diretor): «...critério, critério não existe: Contratamos os que não temos, sobretudo os especializados: Quanto aos outros vamos vendo os horários...temos o cuidado que, se faltarem, esteja logo no início do ano garantido o secundário depois o regular e por fim estes...é que eles têm sempre as aulas, as horas todas, nem que para isso tenhamos que acionar os mecanismos para os trazer à escola para além do final das aulas ou nas interrupções letivas...»
R14 (Diretor): «...obviamente, quem é o horário...os da casa reclamam mas de pouco lhes adianta...alguns professores com perfil para aquele tipo de alunos e esses, normalmente, são contemplados...»
R14 (YSM): «penso que não explicitamente ...embora me pareça que, se houver hipótese de escolha, não deve ser moeda ao ar ...a quem calha não fica nada contente...garantidamente!»
R13 (ATC): «deviam ter mais apoio e formação para lidar com a situação ...os conhecimentos de pouco lhes servem...»
R13 (AS): «...o critério deve ser “toma lá que é para aprenderes!”, é o que me parece ...ninguém os quer, então devem ficar guardados para os mais novos...»
R13 (CCC): «“ Refiro-me à avaliação dos resultados dos alunos influenciar a avaliação do professor ... se a ordem, embora camuflada, é de passar tudo estamos em vantagem em relação ao regular e há menos trabalho, desde que se tenha resistência para aguentar e jeito para trabalhar comportamentos desajustados
R8 (IPE): «...Abri concurso e foi o que apareceu... com os da casa o critério foi... ir enchendo os horários mas reconheço que alguns foram poupados para as turmas normais. Como sabe, os pais só reclamam, os que reclamam, no prosseguimento de estudos e sobretudo no ensino secundário...é luta das notas para o ingresso...».

Categoria IV: Os CEF: consequências para quem os frequenta

Quadro 13 – Subcategoria: consequências educacionais

Unidade de contexto
R19 (IPE): «...vamos ter gerações mais analfabetas (...) Cada vez mais alunos, e mais cedo, querem ir para o CEF, e as famílias fazem a vontade aos meninos com o convívio da escola, e receio que esse seja o rumo dos próximos anos enganar toda uma geração e vamos colher os resultados. E é necessário lembrar que o ensino básico já é de doze anos e as turmas CEF continuam a aumentar...»
R18 (JF): Os culpados somos nós, e os dirigentes, que de forma tão leviana é capaz de atirar as culpas... Prometemos tudo e só lhes garantimos facilidades, enquanto brincamos às escolas
R16 (Diretor) Não que sejam tolos mas como temos de passar o tempo a ralar e dar lições de moral ...o tempo passa e os conteúdos ficam muito pela rama...»
R15 (IPE): «Não há-de tardar muito tempo, se não se tomarem medidas sérias, as escolas têm de dar rebuçados aos miúdos para ter turmas de ensino regular... ou então continuamos a baixar os níveis de exigência, para que eles permaneçam.»
R17 (ATC): Os pais já no 2.º ciclo, com filhos sem reprovações, dizem veja lá não me passa o rapaz/rapariga andar cá muitos anos empatado mande mo para os cursos... anos empatado mande - mo para os cursos. E ... apontam logo o caso de A, B ou C que se despacharam num instante e não lhes gastaram dinheiro nenhum. Vamos caminhar para escolas de primeira e de segunda escolha(...) Há sempre forma de marginalizar socialmente embora se advogue o contrário...»
R17 (JSS): «... andamos a protelar a educação, não o tomar conta deles na escola... andamos a engana-los, a faze-los acreditar que este é o melhor caminho... eles são o resultado do desnorte em que andam os adultos com cargos de responsabilidade...»
R16 (CCC): «A escola terá de se reinventar...a escola não pode ser só isto... está a ser um centro de educação, de tentativa de educação... concordo que a escola tem de se adaptar aos tempos e, da sua missão, também deve fazer parte o educar, mas não se pode demitir de ensinar e preparar para o conhecimento... ser só educado não é, certamente, sinónimo de escolarizado e é o que está a acontecer... caminhamos para uma sociedade de iletrados certificados! Estamos a demorar muito tempo a perceber que isto não é um problema de outros! É um problema social e que nos vai afetar enquanto tal...»

Quadro 14 – Subcategoria: consequências profissionais

Unidade de contexto
R17 (AS): Vamos, vamos ter graves problemas sociais e não vai tardar...Eu que pouco mais velha sou do que eles já tenho dificuldade de me rever nesta escola em que tão pouco se exige. Estes miúdos vão ter graves dificuldades em obedecer e aceitar que é preciso esforço, e trabalho, para se atingir qualquer coisa... e que não podem estar sempre à espera que tudo lhes seja oferecido. Vão ser pais e mães proximamente... é de nos pôr a pensar, e agir, ... enquanto é tempo.
R8 (CCC): «Nada de especial ou de muito promissor.»
R19 (IPE): «estamos a enganar toda uma geração e vamos colher os resultados...»
R19 (Diretor): «Se não dissermos estas coisas, de forma séria, andamos todos enganados. Se a escola não ensinar muito a estes jovens, refiro-me aos conhecimentos disciplinares, que ao menos os ajudem a educar para serem melhores cidadãos e não termos a sensação de que os aturamos, eles têm essa consciência, e eles... deixem de deixar passar o tempo para levarem o papel...»
R8 (ATC): O mesmo que se não tivessem andado tantos anos na escola. Só variará no terem um “certificadozito”. Vão, eles e nós, passar por tempos difíceis. Eles por não saberem nada e não terem de que se valer e nós por termos de estar calados a aguentar tudo nas escolas e depois aguentar... lá fora. Eu sou daqui e tenho vinha. Ninguém quer trabalhar, não aparece ninguém...de que vão ganhar a vida!? É preocupante...
R17 (JSS): É minha convicção que não se nos avizinham bons tempos. Andamos a protelar a educação, não o tomar conta deles na escola, das crianças e dos jovens...andamos a engana
R8 (AS): «Enquanto a família os suportar... depois teremos... um problema de todos nós...»
R9 (MBF): «Ir vivendo um dia a seguir ao outro, como fazem os pais...»